



Universidade da Beira Interior
Faculdade de Artes e Letras
Departamento de Comunicação e Artes
Mestrado em Jornalismo: Imprensa, Rádio e Televisão

Dissertação de Mestrado

A programação infantil nas rádios portuguesas: dos primeiros ensaios ao desafio online

Ângela Daniela Jesus Silva

Orientador: Professor Doutor João Manuel Messias Canavilhas

Covilhã

2010

Universidade da Beira Interior
Faculdade de Artes e Letras
Departamento de Comunicação e Artes

Mestrado em Jornalismo: Imprensa, Rádio e Televisão

Dissertação de Mestrado

A programação infantil nas rádios portuguesas:
dos primeiros ensaios ao desafio online

Ângela Daniela Jesus Silva

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Jornalismo, realizada sob orientação científica do Professor Doutor João Manuel Messias Canavilhas.

À **minha mãe** e ao **meu pai**,
pela paciência e afecto

Ao **Professor Doutor João Canavilhas**,
por acreditar, pelo interesse e pelo humor

Aos **colegas de arquivo da Antena 1**,
pelo tempo e pelos sorrisos

Aos **meus amigos**,
por serem, estarem e existirem

Resumo

A rádio já foi uma fábrica de ilusões capaz de criar horas de magia apenas com a voz, o som e o silêncio. A forte concorrência da televisão mudou o panorama mediático, e a rádio acabou por perder o lugar de destaque nas preferências do público. A queda das audiências radiofónicas começou no início dos anos 70 e estendeu-se a todos os escalões etários.

Para responder à concorrência da televisão, a rádio recorreu a duas armas: as inovações tecnológicas e os conteúdos. No primeiro caso, para além do aparecimento do FM e do digital (DAB), a inovação que mais expectativas tem gerado entre as empresas radiofónicas é a Internet. A rádio, que hoje é sobretudo ouvida no automóvel, tem na Internet um suporte que lhe permite reconquistar as audiências em casa porque está a alterar os padrões de consumo deste meio. No que toca aos conteúdos, as alterações nas grelhas de programas procuram responder às necessidades de uma audiência mais exigente. A segmentação dos públicos, materializada em programas mais específicos ou em rádios temáticas, procurou responder à concorrência de uma televisão também ela cada vez mais temática. Juntamente com este processo de segmentação, que se verifica sobretudo nos horários nocturnos, assistiu-se à introdução de espaços temáticos de curta duração nos programas de formato mais aberto característicos das manhãs e das tardes. Apesar de todas estas alterações, alguns públicos ficaram de fora, sendo que as crianças são um dos públicos excluídos.

A falta de programas infantis nas actuais grelhas implicou que este estudo tomasse a televisão como exemplo por esta ter conseguido sempre adaptar-se aos gostos do público infantil, sendo por isso encarada como um modelo a seguir pela rádio.

Após o estudo da programação infantil na televisão, procedeu-se à análise qualitativa de alguns dos programas infantis radiofónicos, procurando verificar o tipo de conteúdos utilizados. Com base nesta análise, e usando como referência a televisão, foram ainda realizadas entrevistas a profissionais com o objectivo de perceber as razões que estão na origem da falta de programas infantis nas rádios portuguesas. A análise de todos os dados obtidos conduziu a investigação para uma proposta de programação radiofónica infantil que considera as necessidades, gostos e desejos do público-alvo, e utiliza a Internet como complemento à emissão hertziana.

Palavras-chave: rádio, televisão, criança, programação infantil, Internet.

Abstract

In the past radio was like a factory of illusions able to create hours of magic only with the voice, the sound and the silence. The strong competition of the television changed the view *media*, and the radio lost his distinction place in public preferences. The radio audiences fall in the beginning of the '70s and spread it self to all age levels.

As an answer to television competition, radio used two precious tools: the technological innovations and the contents. In the first case, besides the appearance of the FM and digital (DAB), the innovation that has been producing more expectations between the enterprises of radio is the Internet. The radio, which today is especially heard in the car, has in the Internet a support that allows it to recapture the audiences at home due to the changes in consumption standards in this area. What concerns the contents, the changes in programs schedules try to answer the needs of most demanding audience. The public segmentation, achieved in more specific programs or in thematic radios, tried to answer to a television's competition as well as more and more thematic it has been. Together joining this segmentation process, which happens especially in the evening, were presented with the introduction of small thematic editions in the main open format programs of mornings and afternoons. Besides of all this changes, some public were left out, mainly the little ones – the children.

The lack of children's programs in the current schedules make this study goes in the direction of the TV as an example since this one had always managed to adapted it self to the needs of a childlike public, so it can be considered as a model for the future of the radio.

After the study of the children's programming in the television, one proceeded to the qualitative analysis of some of the children's programs in the radio, trying to check the type of used contents. On basis of this analysis, and using the television as reference, there were used interviews to professionals in this area in which the objective was to find out the reasons that are in the basis of the lack of children's programs in the Portuguese radios. The analysis of all the obtained data drove the investigation for a proposal of a children radio programming that take in consideration the needs tastes and wishes of this specific public using the Internet as a complement to the Hertzian emission.

Keyword: radio, television, children, children's programming, Internet.

Índice

Introdução	11
PARTE I – Crianças, <i>media</i> e educação	14
Capítulo 1 – Os <i>mass media</i> e as sociedades modernas	15
1.1 O papel dos <i>media</i> na vida das crianças	15
1.2 Os novos <i>media</i> e as crianças	19
1.3 Características da audiência infantil	20
Capítulo 2 – Rádio: as potencialidades esquecidas	23
2.1 A rádio e os ouvintes	23
2.2 Características da Rádio	26
Capítulo 3 – Programação	30
3.1 Programação em Televisão	30
3.2 Programação em Rádio.....	36
3.2.1 Serviço público de radiodifusão.....	41
3.2.2 Caracterização da concessionária de serviço público em Portugal: RDP	44
3.3 Evolução da programação na área educativa	45
3.3.1 Televisão	46
a) RTP	46
b) RTP2	49
c) SIC	51
d) TVI.....	52
e) Canais por Cabo	52
f) Casos especiais	54
3.2.2 Rádio	56
PARTE II – Investigações Empíricas	58
Capítulo 4 – Metodologia	59
4.1 Problemas de investigação e metodologia.....	59

4.2 <i>Corpus</i> de análise.....	60
4.3 Procedimentos.....	61
4.3.1 Grelha de análise.....	61
4.3.2 Entrevistas.....	63
Capítulo 5 – Resultados e Discussão	64
5.1 Rádio para crianças em Portugal	64
5.2 Análise dos programas	66
a) Emissão Infantil	66
b) Ensaio Geral	69
c) Meia Hora de Recreio	72
d) Tempo de Teatro	75
5.3 Análise das entrevistas.....	77
Capítulo 6 – Conclusão e Propostas	80
6.1 Conclusão	80
6.2 Propostas.....	82
Bibliografia	84
Anexos	89
Anexo 1 – Tabela Geral: Emissão Infantil	90
Anexo 2 – Tabela Geral: Ensaio Geral	93
Anexo 3 – Tabela Geral: Meia Hora de Recreio	96
Anexo 4 – Tabela Geral: Tempo de Teatro	99
Anexo 5 - Entrevista	102
Anexo 6 – Entrevista: Rui Pêgo (Antena 1)	104
Anexo 7 – Entrevista: Nelson Ribeiro (Rádio Renascença)	110

Introdução

A crescente importância dos *media* no ecossistema social reflecte uma sociedade onde a presença dos meios de comunicação está cada vez mais embrenhada e em crescimento. O ritmo e as características da vida moderna da sociedade, o trabalho profissional fora de casa, a emancipação da mulher em casa e no trabalho, os meios sociais urbanizados sem infra-estruturas adequadas às crianças, a inexistência de uma oferta de espaços e actividades que sejam uma real alternativa no dia-a-dia das crianças, potenciam o envolvimento e desenvolvimento da relação criança-*media*, contribuindo para uma mais acentuada participação dos meios de comunicação nas tarefas quotidianas das crianças, na formação de consciências, ideologias e transmissão de valores.

A rádio, meio em análise neste estudo, não permaneceu alheia às alterações tecnológicas e sociais e está enredada num processo de mudança que se regista desde o aparecimento da televisão e que se acentuou com o esquema negocial irreversível em que fazer rádio se tornou, assim como com o surgimento das multiplataformas digitais que vieram alterar o curso linear das emissões.

O público infantil, público-alvo neste estudo, está muitas vezes entregue a si mesmo, sem nada para fazer e, portanto, vê-se obrigado a “brincar” com os diferentes *media*. O surgimento de novas tecnologias, como a Internet, transformou a forma de aprender e de conhecer das crianças a par de se tornar uma ocupação dos tempos livres. A televisão, por sua vez, é o meio de comunicação ao qual as crianças despendem mais tempo, durante os dias, por encontrarem neste meio as histórias, a estimulação da fantasia e da imaginação, os acontecimentos, as pessoas e lugares que se não fosse através deste meio dificilmente teriam acesso de outra forma. A televisão é, para algumas das crianças, o passaporte para um outro mundo, o da fantasia onde é possível viajar no tempo e no espaço.

O panorama da programação infantil na rádio é inexistente. O primeiro meio de comunicação que tinha tido a capacidade, antes apenas se regista o mesmo com os livros de história que não podem ser considerados meios de comunicação, para estimular a imaginação dos mais novos por meio das histórias, nos seus primeiros anos, abandonou essa vontade de acompanhar o público infantil na sua infância. Deste cenário decorrem duas perguntas de investigação: Como se estruturaram os programas infantis

produzidos nas rádios portuguesas e que conteúdos são mais usados?, Porque razão os programas infantis desapareceram das grelhas das rádios portuguesas?.

Por um lado pretendemos criar uma história da programação infantil radiofónica ao mesmo tempo que analisamos alguns dos programas, enquanto que na segunda parte pretendemos apurar as razões que sustentam a ausência de programação infantil neste meio.

A resposta às questões de investigação obriga, desde logo, a uma contextualização da temática, a uma reflexão e análise da teoria que existe sobre o tema e que relaciona as variáveis principais deste estudo: as crianças, os *media* e a educação, e que iremos abordar na primeira parte deste estudo, dividindo por três capítulos.

No capítulo 1 centramo-nos na importância que os meios de comunicação assumem na vida das crianças, demonstrando, para tal, a relação que estas mantêm com os *media*. Uma investigação que tem como público central os mais novos torna-se relevante fazer um estudo das características da audiência infantil.

No capítulo 2 pretendemos abordar de forma profunda o meio central deste estudo, a rádio. Neste sentido, optamos por contextualizar a relação que existe entre a rádio e o ouvinte sem esquecer as características que fazem deste meio uma potencialidade nos dias de hoje.

No capítulo 3 abordamos a temática central deste estudo, a programação. Nesta temática torna-se relevante a introdução de um novo meio de comunicação, a televisão, uma vez que, e como já explicámos anteriormente, será um termo de comparação para a rádio. Ponderando este facto iremos analisar, inicialmente, de forma geral as principais alterações que se procederam na programação destes dois meios, centrando-nos posteriormente na evolução da programação educativa destes mesmos.

No capítulo 4, que corresponde à segunda parte, identificámos as perguntas que nortearão a investigação, as razões que justificam a escolha das opções metodológicas e da delimitação do *corpus* de análise.

No capítulo 5 apresentamos a recolha de dados, bem como a sua análise e discussão. A análise qualitativa e as entrevistas permitem obter resultados complementares entre si.

Os resultados, as limitações com que nos deparámos ao longo do estudo e as propostas para investigações futuras serão apresentados no último capítulo da dissertação.

Com este trabalho pretendemos dar um contributo para a história da rádio em Portugal, nomeadamente no que respeita à programação infantil. Para além disso, as propostas efectuadas no final do trabalho procuram ainda identificar conteúdos multimédia dirigidos às crianças que explorem a convergência entre a rádio e a Internet e possam envolver os pais e a comunidade escolar.

PARTE I

CRIANÇAS, *MEDIA* E EDUCAÇÃO

Capítulo 1

Os *mass media* e as sociedades modernas

Os *media* ganharam um papel central na sociedade contemporânea transmitindo valores e reformulando normas sociais (Merton e Lazarsfeld, 2000, *in* Lopes (S/D)). Os cidadãos formam as suas opiniões e modelam as suas atitudes em função das mensagens mediáticas, sendo cada vez mais habitual ouvir-se o argumento de que algo é verdadeiro porque foi dito na televisão. Esta acção é particularmente sentida pelas crianças que, para além da sua fragilidade, são também um dos grupos etários que passa um maior número de horas em frente à televisão.

1.1.O papel dos *media* na vida das crianças

Os *media* têm vindo a assumir um papel preponderante no processo de transmissão de saber. A família e a escola estão a ser substituídas pelos meios de comunicação, com particular destaque para a televisão, a Internet e até o telemóvel.

No passado, o processo educativo era maioritariamente colectivo, ou seja, partilhado em salas de aula na escola, nos recreios ou a assistir a programas televisivos colectivamente. Porém, este cenário está a alterar-se rapidamente, com o processo educativo a mudar para um percurso individual que, nos dias de hoje, tende a integrar uma componente progressiva de auto-aprendizagem e “em que os destinatários terão meios de acesso à informação educacional relevante sob várias formas e suportes de mediatização, o qual utilizarão de forma discricionário, se bem que desejavelmente orientado” (Trindade, 1994, pp. 235-236).

Carrilho (2008) entende a televisão como principal fonte de alteração de comportamentos que afecta o mundo familiar, as metas pessoais, culturais e socioeconómicas. Ainda neste sentido, Ferrés (1996) acrescenta que a televisão tem tido a capacidade de substituir de alguma maneira a função materna, uma vez que, ocupa o lugar central no lar, é um ponto de referência obrigatório na organização da vida familiar e está disponível 24 horas por dia para fazer companhia. A estas vantagens acrescenta-se ainda a possibilidade de alimentar o imaginário infantil com toda a espécie de sonhos, contos e fantasias. A televisão apresenta-se aos mais novos como “una madre blanda, nunca exige nada a cambio” (Ferrés, 1996, p. 13).

A instituição familiar tem sido abalada por vários motivos, nomeadamente as novas conjunturas económico-sociais e culturais. Pinto (2002) identifica diferentes tipos de factores que alteraram o estilo de vida das famílias portuguesas. Nos factores culturais salienta os movimentos feministas, maior aceitação da separação e do divórcio. Nos factores económicos e políticos, o autor identifica a profissionalização e a implementação de políticas familiares, bem como os programas de saúde materno-infantil. Por último, Pinto (2002) destaca ainda factores tecnológicos, como os transportes e os electrodomésticos. As principais alterações que advêm destes factores fazem sentir-se sobretudo na forte diminuição da taxa de natalidade, na acentuada diminuição do número de filhos e no crescimento significativo do número de divórcios (Pinto, 2002).

A individualização das crianças no acesso aos meios de comunicação pode acarretar “o risco de resvalar, de correr ao lado da vida e do mundo real das crianças” (Pinto, 1994, p. 237). Mander (1999) alerta para a importância de um contacto físico entre as crianças no sentido de poderem desenvolver mais autoconfiança e ainda uma maior facilidade de relacionamento e convívio com os colegas. Este autor acrescenta ainda que um contacto físico entre os mais novos é passível de produzir efeitos positivos na saúde em geral bem como no seu desenvolvimento mental, uma vez que devemos considerar que “nada pode substituir a qualidade das relações directas que mediatizam os conteúdos dos média mediatizados, e que, permitem, de certa maneira diluir, amortecer, filtrar e atribuir significado às mensagens recebidas, através do diálogo, da conversa e do tempo que nisso se investe” (Pinto, 1994, p. 238).

Em qualquer um dos meios, mas principalmente na televisão, por ter uma presença mais significativa na vida dos mais novos, é crucial considerar os contextos sociais nos quais os programas educativos têm lugar. Este meio revela-se o principal estímulo intelectual para as faixas etárias mais baixas e a explicação para alguns comportamentos, “a televisão limitou-se a fazer coexistir, no mesmo ecrã, em diferentes dosagens e proporções a cultura de massas (Mesquita, 2004, p. 153). O estudo de Charvat (2009) comprova que ver programas de televisão violentos torna as crianças violentas. Pinto (1994) não encara a variável televisão como a explicação última de alguns comportamentos, acreditando que não há uma relação directa entre o consumo de programas de televisão violentos e o comportamento violento das crianças. De acordo com o autor, não é apenas o meio de comunicação que influencia o comportamento da criança, mas sim o contexto socioeconómico. Uma criança que viva num meio social

em que existe um maior contacto com a violência recorre aos actos físicos para resolver os seus problemas. Também Brederode Santos (*in* Pereira, 1997) defende que as mesmas cenas de violência transmitidas pela televisão não se repercutem de igual forma em todas as crianças e que a sua explicação se prende com um conjunto de critérios que devem ser considerados ao estudar a variável da televisão

Viver em sociedade exige que o Homem consiga adaptar-se e mover-se numa complexa e vasta rede de relações sociais desde a mais tenra idade. A transmissão cultural que é feita entre gerações envolve todo um conjunto de valores, normas, costumes, atribuições de papéis, ensino da linguagem, habilidades e conteúdos escolares, assim como “tudo aquilo que cada grupo social foi acumulando ao longo da história e que é realizado através de determinados agentes sociais, que são encarregados de satisfazer as necessidades da criança e incorporá-la no grupo social” (Borsa, 2007, p. 2).

A socialização primária, que sempre decorreu no seio familiar e na escola, está a transferir-se, gradualmente, para os meios de comunicação social: “Through their socialization function, the *mass media* teach and reinforce societal values. Children, because they have had few life experiences, are the main target for socializing messages.” (Perse, 2001, p. 164). Esta nova situação de socialização pode revelar-se benéfica ou catastrófica consoante a escolha que as crianças façam para os seus modelos, pois não podemos esquecer que é nas faixas etárias mais jovens que se adquire o uso de uma linguagem correcta, o respeito perante os outros e o cumprimento de determinadas regras sociais básicas (Borsa, 2007). Neste sentido, e considerando a possibilidade de os pais participarem na escolha dos programas e conteúdos com os filhos, os *media* podem revelar-se uma mais-valia no processo de socialização. As crianças não têm plena capacidade de produzir esquemas mentais que permitam categorizar os eventos que preenchem a sua vida e dar um significado totalmente correcto aos acontecimentos. Assim, perante um mundo em constante mudança, é necessário que os pais participem na verbalização das experiências diárias dos filhos: “children need schemas that give them knowledge about the formats of television programs, knowledge about the kinds of stories told, and knowledge about the way that the real world works” (Perse, 2001, pp. 155-156).

Os progressos tecnológicos facilitaram o acesso à informação. Os benefícios traduzem-se na grande partilha de conhecimento e na difusão de ideias e valores que permitiram uma democratização da cultura (Carvalho, 1994). A sociedade mediática em

que vivemos sofre uma forte influência dos *media* porque os *media* “servem uma informação confeccionada, opiniões formadas e a distração de que o público se tornou dependente” (Carvalho, 1994, p.29).

A comunicação social não tem como fim substituir o lugar da família, contudo os meios de comunicação, particularmente a televisão, são encarados por muitos pais como “babysitters” que estão disponíveis 24 horas por dia, sete dias por semana. Sendo esta uma situação cada vez mais recorrente, cabe também aos directores de programação seleccionarem de forma cuidadosa aquilo que transmitem durante o período de tempo em que a televisão exerce esta função (Tomé, 1994), o período de tempo em que as famílias e particularmente as crianças assistem a programas.

O estatuto que a televisão ganhou não pode ser ignorado por pais e professores. Caminhando no mesmo sentido da escola, a televisão consegue simultaneamente informar, transmitir conhecimento, interpretar o momento ou o acontecimento e ainda abordar de uma forma geral a socialização-aculturação dos cidadãos (Barros, 1994). Para se perceber o fenómeno da socialização-aculturação é fundamental abordar o conceito de cultura. Para efeitos do nosso trabalho, e considerando as perguntas em estudo, restringimo-nos à definição do conceito de cultura apresentada por Giddens (1996) que a define como um conjunto de valores de um determinado grupo de pessoas aplicáveis tanto às normas como aos bens materiais que criam ou adquirem. Acrescenta ainda o mesmo autor que o conceito de cultura deve ser pensado para lá das representações mais elevadas do espírito, como a pintura, a música, ou a literatura, considerando-se ainda dentro deste conceito os modos de vida dos membros de uma sociedade, incluindo a forma como se vestem, os costumes familiares, as formas de trabalho e as leis. O conceito de cultura exige que seja entendido como um processo dinâmico e aberto em que os hábitos e valores são sistematicamente ressignificados (Giddens, 1996). Considerando as alterações nas sociedades e nos indivíduos, devemos também equacionar o fenómeno de *aculturação*, conceito que deve ser entendido como um processo pelo qual duas ou mais culturas diferentes podem originar mudanças significativas numa delas ou em ambas após terem entrado em contacto contínuo entre si (Giddens, 1996).

No caso particular das crianças, este fenómeno de *aculturação*, entendido como uma possibilidade de encontro entre culturas, pode traduzir-se num benefício significativo uma vez que permite aos mais pequenos ter uma maior consciencialização da diversidade cultural que existe (Araújo, 2008). Desde muito cedo, as crianças

convivem em espaços multiculturais, com colegas de turma e de escola oriundos de outras partes do mundo e com características físicas e sociais distintas das suas. A criança vê-se obrigada a participar na adaptação social às outras culturas para ter um processo escolar dentro da normalidade (Araújo, 2008). Por este motivo os *media* têm um papel fundamental na apresentação dos marcos específicos de cada cultura, o que pode ser feito através de uma programação específica para este fim e para este público.

1.2. Os novos *media* e as crianças

De acordo com um estudo do Obercom (2009), a geração dos anos 90, chamada *geração electrónica*, vive no seu quarto, espaço onde socializa através das redes sociais. As novas gerações caracterizam-se por crescer num ambiente em que uma panóplia de tecnologias está facilmente acessível, passando parte significativa do seu tempo a utilizar computadores, videojogos, telemóveis e todos os novos “brinquedos” da era digital (Prensky, 2001). Os *digital natives*, crianças e jovens que nasceram já na era digital, caracterizam-se por falarem numa linguagem específica, formada com base nas tecnologias digitais. Embora as gerações anteriores tenham nascido numa época onde o digital não era dominante, o que se tem vindo a verificar é que a certa altura da vida foram obrigados a adoptá-lo e a aprender. A necessidade de inclusão e o fascínio revelam-se aspectos decisivos para os *digital immigrants* na inclusão de novas tecnologias (Prensky, 2001).

O estudo da Obercom (2009) revela que cerca de metade dos inquiridos (46,9%) tem um computador em casa, ainda que a faixa etária mais jovem (entre os 8 e os 12 anos) seja aquela onde ainda não existe um computador por casa. No entanto, o mesmo estudo, mostra que a situação tende a alterar-se a curto-médio prazo tendo em consideração as medidas governamentais no plano tecnológico.

No grupo das crianças e adolescentes, 48,2% tem o computador no seu quarto, “o que reflecte que uma realidade em que cada vez mais jovens têm vários dispositivos mediáticos no seu reduto pessoal” (Obercom, 2009. p.219). A utilização da Internet é maioritariamente individual (55,9%), e nas raras vezes em que esta situação não se verifica, os mais novos preferem a companhia do/a amigo/a (19,6%), do grupo de amigos/as (11,9%) ou da companhia dos irmãos e irmãs (11,9%). No que concerne à

presença do adulto no período de tempo que os mais pequenos estão em rede, o número cai bastante, traduzindo-se em pouco mais de 5% dos casos.

As redes sociais, como o Hi5, Facebook ou o Twitter, estão a tornar-se centrais na vida social dos mais novos e, em muitos casos, a substituir o lugar da família durante o período de permanência em casa. Esta conclusão permite acrescentar que a utilização dos *media* está a tornar-se cada vez mais individualizada e personalizada pelos mais pequenos.

Relativamente aos conteúdos que as crianças mais procuram na Internet, os jogos (57,9%) e a música (56,4%) lideram, seguidos dos vídeos (41%), as informações desportivas (27,2%) e os conteúdos educativos (26%). Em termos de género, os rapazes dão preferência ao desporto, jogos, vídeos e informática, enquanto as raparigas preferem os conteúdos culturais, educativos e relacionados com a música. A emergência da Internet afecta o tempo dedicado a outros meios. O estudo da Obercom revela que o grupo das crianças e jovens consome menos televisão, existindo “uma menor capacidade de reunir a família em torno de um só programa familiar e a sua oferta diversificou-se, acompanhando a fragmentação de interesses e a individualização na relação com os *media*” (2009, p. 236).

Com a Internet a ganhar o lugar central na preferência dos jovens, os *media* tradicionais procuram usá-la como suporte para os seus conteúdos, o que nos conduz para uma pergunta de investigação: pode a Internet ajudar a rádio a recuperar um lugar de destaque nas preferências dos nativos digitais?

1.3. – Características da audiência infantil

A ambiguidade que rodeia o conceito de *infância* não permite uma definição clara e objectiva do mesmo. Para efeitos deste trabalho recorremos a Tavares et al. (2007) que divide a infância em três períodos: os dois primeiros anos de vida, o período pré-escolar (dois aos cinco anos) e o período escolar (dos cinco aos dez anos). Dentro destes três períodos, centramos o nosso estudo nos programas destinado ao terceiro período.

Na pré-escola, a criança adquire um conjunto de competências que lhe permitem interpretar com maior facilidade a informação que a rodeia, alterando ainda a sua forma de pensar e de actuar. As principais alterações, entendidas como aquelas que se revelam mais significativas na vida das crianças, prendem-se com o desenvolvimento do

pensamento agora mais apto para o pensamento mágico, imaginativo e metafórico expressado através das brincadeiras do faz-de-conta. Esta é a fase em que as crianças têm a capacidade de se transportar para um mundo mágico, repleto de possibilidades e escassos impossíveis (Tavares et al., p.2007). A par do desenvolvimento cognitivo existe, regra geral, um desenvolvimento da linguagem que é também um marco no período pré-escolar. É nesta fase que os mais novos aprendem as primeiras regras e normas sociais.

A transição para o terceiro estágio de desenvolvimento, aquele onde se enquadra o nosso público-alvo, não é linear e não ocorre repentinamente. Para poder avançar para o patamar seguinte, a criança já realizou um conjunto de tarefas que permitem a aquisição e retenção de respostas relacionadas consigo mesma, com o meio e com o contexto onde se insere.

O nosso público-alvo está neste período escolar, pois é quando existe a oportunidade e o tempo para a manipulação de objectos e materiais que permitam produzir saber. As principais alterações centram-se ao nível do desenvolvimento cognitivo, uma vez que as principais alterações físicas ocorreram no período anterior. Sem quaisquer problemas de maior relacionados com o desenvolvimento físico, que pudessem gerar um elevado grau de ansiedade, a criança realiza um conjunto de aprendizagens rápidas e de um pensamento não excessivamente abstracto. As aprendizagens de conteúdos são normalmente realizadas com entusiasmo e curiosidade, um factor que se pode traduzir numa oportunidade para os produtores de programas infanto-educativos, pois as crianças procuram novos conhecimentos sobre o mundo.

Neste estágio, a criança adquire o sentido do *jogo do pensamento*, ou seja, entende o pensamento e a aprendizagem como um verdadeiro desafio intelectual. Piaget (1977) já tinha orientado a sua teoria no mesmo sentido, demonstrando que, com apenas seis anos, a criança já tem a capacidade de produzir acções não estritamente intelectuais passíveis de combinar variadas formas que podem ser invertidas, logo, reversíveis. No estágio das *operações concretas* (Piaget, 1977), os mais novos começam a desenvolver a capacidade de avaliar e estabelecer as relações causa-efeito, sobretudo nos casos em que as modificações do objecto acontecem na sua presença. No patamar social destaca-se a convivência frequente com os grupos de pares, os professores e outros adultos.

Nesta nova fase da vida da criança, agora com mais oportunidades, mais estímulos, o contexto social em que a criança está inserida é, na maioria dos casos, perfeito: “os pais são os seus heróis, os professores justos e os amigos leais” (Tavares,

2007, p.58). O mundo social da criança expande-se e o desenvolvimento das amizades também. As relações com outros meninos possibilitam à criança aprender um conjunto de conceitos sociais e estratégias de interação social.

A par do desenvolvimento do mundo exterior, as crianças vão descobrindo o mundo da televisão, da Internet, do telemóvel e das consolas de jogos. O impacto que os meios de comunicação podem ter no dia-a-dia da criança tem de ser considerado mediante um conjunto de variáveis que podem influenciar a percepção e a compreensão de mensagens. O meio social e a cultura onde a criança se enquadra influencia os seus valores e consequentemente a compreensão e o impacto que a mensagem pode ter, uma vez que a mesma informação pode ser compreendida de forma diferente por culturas distintas. O estilo de vida das famílias tem vindo a mudar consideravelmente: o aumento do número de famílias em que ambos os pais trabalham e a migração para as cidades, com todas as suas consequências, faz com que as famílias passem cada vez menos tempo juntas. Para colmatar esta situação, as crianças procuram companhia nos meios de comunicação social e é neste contexto de variáveis que os *media* assumem um papel preponderante no processo educativo das crianças. A televisão surge como uma solução pois “a TV está sempre disponível, durante o dia a qualquer hora e alimenta o imaginário infantil” (Carrilho, 2008, p. 75). Porém, nas grelhas das televisões portuguesas não abundam programas educativos pensados e produzidos para os mais pequenos e a alternativa é o visionamento de programas não pedagógicos. Existem canais estritamente destinados ao público infantil, no entanto, estão apenas disponíveis no cabo o que condiciona o acesso a alguns estratos sociais. Embora a televisão possa proporcionar oportunidades de inovação, de troca de opiniões, ampliar conhecimentos, diversificar e enriquecer aprendizagens das crianças, existe a necessidade de criar espaços televisivos educativos destinados às crianças em período escolar.

Capítulo 2

Rádio: as potencialidades esquecidas

O ecossistema mediático mudou. As vantagens da rádio, que outrora eram evidentes, são hoje insuficientes para cativarem grandes audiências. A emissão assente no som e a fugacidade dos conteúdos parecem ser incapazes de atrair o público na era da imagem. Apesar disso, Meditsch & Ribeiro (2008) considera que a rádio permanece como um dos meios com maior alcance, ainda que apenas como companhia para a realização de outras tarefas, e apresenta um enorme potencial educativo em populações analfabetas e isoladas. Estas duas vantagens assumem particular importância em determinados contextos socioeconómicos e podem ser aproveitadas para que a rádio recupere um lugar central num ecossistema em mudança.

2.1. A rádio e os ouvintes

A rádio desempenhou sempre um papel importante no entretenimento da população mas, também, na sua formação e educação. As características técnicas permitem-lhe desempenhar estas funções de forma agradável ao ouvido, espontânea e dando a possibilidade ao ouvinte de, ao mesmo tempo que aprende, poder participar e relaxar (Ortriwano, 2008).

O potencial educativo da rádio não passou despercebido a Brecht que o considerou importante para um serviço com finalidades pedagógicas. Embora devamos ter em conta os anos que nos separam da *Teoria da Rádio* de Brecht (finais dos anos 20) concordamos com muitas das propostas e críticas apresentadas por este autor à forma como era utilizada a rádio. Assim, o exercício da radiofonia subentenderia que o meio é utilizado como um veículo com características importantes o que lhe permite um enriquecimento das culturas e possibilita a aquisição de competências e compreensão de todo o envolvente social (Portela, 2006).

É preciso transformar o rádio, convertê-lo de aparelho de distribuição em aparelho de comunicação. O rádio seria o mais fabuloso meio de comunicação imaginável na vida pública, um fantástico sistema de canalização. Isto é, seria se não somente fosse capaz de emitir, como também de receber; portanto, se conseguisse não apenas se fazer escutar pelo ouvinte, mas também pôr-se em comunicação com ele. (Brecht, *in* Bassets, 1981, pp.56-57).

Segundo Brecht, o tipo de comunicação que a rádio deve adoptar é aquele que permite informar sem se prender no sentido mais restrito da palavra. Informar e formar deve ser feito em consciência com pluralidade, ética e de forma a proporcionar o debate do contrário, pois só desta forma é possível produzir informação de interesse no público (Zuculoto, 2005). Com esta alteração, os ouvintes poderiam encontrar alguém que tem algo para lhes dizer, tal como destacou Brecht na sua célebre afirmação “um homem que tem algo a dizer e não encontra ouvintes, está em má situação. Mas estão em pior situação ainda os ouvintes que não encontram quem tenha algo para lhes dizer” (Brecht *in Bassets*, 1981, p.50).

A capacidade de proporcionar ao público um espaço de debate altera a forma como inicialmente foi pensada a comunicação em rádio. A comunicação unidireccional com que a rádio se iniciou deu lugar a uma comunicação em que o ouvinte não é mais um mero receptor de informação, mas sim um agente activo que intervém e tem a possibilidade de aceder àquilo que quer que seja transmitido na rádio (Zuculoto, 2005).

Também Kaplún (2008) desenvolveu trabalhos no sentido de perceber qual a melhor forma de estabelecer a relação com os ouvintes. Para o autor, a possibilidade de utilizar os *media* para falar, expor ideias e dar opiniões é mais importante do que apenas escutar. A rádio é vista como “um instrumento de educação e cultura populares e como um promotor de autêntico desenvolvimento” (Kaplún, 2008, p.81).

Na comparação com a televisão e o cinema, a rádio surge em aparente desvantagem uma vez que se limita a emitir sons, apresentando por isso quatro grandes limitações. Ao ser *unissensorial* existe apenas a estimulação de um único sentido, a audição que por si só é limitada. Perante a rádio, um meio cego (Ortiz & Marchamalo, 1997), o ouvinte “deve assumir uma voluntária cegueira” (Kaplún, 2008, p.83), uma vez que à partida depende apenas dos sons. As principais consequências da unissensorialidade da rádio prendem-se com o risco de cansaço, pois “ao centrar-se num só sentido e contar com uma única fonte de estímulo (o som), a emissão radiofónica pode provocar monotonia” (Kaplún, 2008, p.84). Se a emissão não for interessante e não captar rapidamente a sua atenção, o ouvinte pode facilmente distrair-se ou deixar de escutar (...)” (Kaplún, 2008, p.84). No entanto, o mesmo autor lembra que a rádio é maioritariamente sugestiva, “lançamos a mensagem ao ar e a imaginação do radiouvinte passa a voar” (Kaplún, 2008, p.87). Podemos estar de facto privados de imagens visuais

mas temos à disposição uma vasta gama de imagens auditivas, que não são só constituídas por palavras mas também por música, sons e silêncios.

A segunda limitação apontada por Kaplún à rádio, a *ausência do interlocutor*, não é exclusiva deste meio. Nos *media*, o interlocutor está do outro lado do receptor não podendo intervir caso o ouvinte não perceba a informação e nem tendo a possibilidade de observar a reacção dos mesmos. Kaplún (2008) reconhece que nas emissões radiofónicas os ouvintes não podem fazer qualquer pergunta, pedir que se repita uma frase, ou controlar a velocidade de exposição do conteúdo. Esta limitação deve ser considerada lembrando que a unidireccionalidade da mensagem é partilhada por todos os meios de comunicação tradicionais. Para combater esta limitação Kaplún (2008) identificou a possibilidade de realizar uma comunicação afectiva, entendida como a comunicação que nos chega pelos ouvidos, aquela que está mais ligada às vivências afectivas do Homem. Kaplún (2008, p.88) entende que “a autêntica comunicação radiofónica deve ter uma componente afectiva para além do conceitual: deve mobilizar não somente a área pensante do ouvinte como também a sua área emocional (...)”.

A terceira limitação da rádio enunciada por Kaplún (2008) é relativa à *fugacidade dos conteúdos*. Contrariamente ao que acontece na imprensa escrita, em que é possível reler, na rádio o ouvinte não tem a possibilidade de voltar atrás para ouvir um conteúdo ou uma mensagem que perdeu. O imediatismo do meio não permite uma segunda oportunidade e o que acontece é que o ouvinte que perdeu a mensagem desliga-se da rádio por não ter a possibilidade de a ouvir novamente. Esta característica impõe que se crie na rádio uma linguagem mais redundante. Esta exigência tem duas consequências: por um lado, eleva o risco de monotonia, pois a mesma mensagem é repetida várias vezes; por outro lado, limita a informação pois cada emissão deve ser limitada no número de conceitos Kaplún (2008, pp.85-86). A forma de combater ou minimizar esta situação é recorrer à empatia que o locutor deve conseguir criar e desenvolver com os ouvintes. Kaplún (2008) definiu a empatia como a capacidade de saber estar em linha com o ouvinte, de nos colocarmos na mesma onda de pensamento. Ao desenvolver esta capacidade, o profissional da rádio está a dirigir o programa para os ouvintes. Ainda que o ouvinte esteja ausente fisicamente, pois não está no mesmo espaço que o locutor, um programa radiofónico deve considerar sempre o ouvinte ao longo de toda a emissão. Só por meio da comunicação empática é possível que o ouvinte não se sinta excluído da emissão. (Kaplún, 2008).

A limitação do público condicionado é o quarto problema da rádio que tem maior repercussão no processo educativo identificado por Kaplún, assente no pressuposto de que o ouvinte de rádio está habituado a ouvir rádio em vez de a escutar com atenção e concentração suficiente para reter a mensagem radiofónica. O facto de existir uma emissão radiofónica disponível a qualquer hora do dia e com um sistema que permite mudar facilmente de estação transmite uma despreocupação que se pode traduzir em perdas de atenção. Portanto, a mensagem e a selecção dos conteúdos devem ser feitos tendo em conta a receptividade e capacidade de compreensão do ouvinte. A capacidade de criar uma ligação de empatia que se revela fundamental porque é capaz de se inserir no mundo do ouvinte, nas suas vivências e aspirações, o que levará os ouvintes a ter uma ligação e relação com a emissão, uma relação positiva com a rádio como a descreveu Kaplún (2008).

2.2. Características da Rádio

A rádio oferece um mundo repleto de palavras e sons que possibilitam aos ouvintes a criação de mundos alicerçados em imagens mentais criadas no decurso da emissão. Para Kischinhevsky (2009), a rádio mantém a sua característica essencial e original: a capacidade de construir discursos com o uso exclusivo dos sons, o que estimula ao mesmo tempo que permite desenvolver a capacidade imaginativa do ouvinte. Os elementos básicos deste meio – os sons, a música, as palavras e os silêncios - têm um papel central e activo nas emissões.

Os produtos radiofónicos, entendidos como a possibilidade de conjugar estes elementos e a realidade num mesmo espaço permitindo associações representativas e complexas entre o processo de construção do real e do emotivo, são uma mais-valia do meio. Segundo Faus Belau (1981), as peças de rádio estimulam algumas acções psicológicas possibilitando fazer recordações e facilitando o processo de aprendizagem. Segundo o mesmo autor é ainda importante que consideremos o papel da percepção que está sempre associada a uma imagem sonora, para desta forma ter um maior e mais fácil conhecimento da realidade. Ao apresentarmos este cenário pretendemos mostrar que a rádio não é um mero difusor de ideias, mas sim um veículo complexo que partilha ideias e realidades no palco das situações e dos acontecimentos (Faus Belau, 1981).

As vantagens da rádio decorrem de um conjunto de doze características identificadas por vários autores: acumulação (Meneses (2003), universalidade (Portela,

2006), imediatismo (Ortriwano, 1998), instantaneidade (Ortriwano, 1998; Portela, 2006), espontaneidade (Meditsch, 1997), assimilação (Ortriwano, 1998), linguagem (Ortiz & Marchamalo, 1997), simultaneidade (Meditsch, 1997), mobilidade (Ortriwano, 1998), sensorialidade (Ortriwano, 1998), intimismo (Ortriwano, 1998) e individualização (Ortriwano, 1998) são as características que seguidamente analisamos detalhadamente.

Para Meneses (2003), a característica mais importante e distintiva da rádio é a *acumulação*, entendida como a possibilidade de acumular o consumo de rádio com outras actividades. Ao escutarmos a rádio recebemos informações de todos os níveis e podemos desenvolver outras tarefas, como cozinhar, conduzir, trabalhar, praticar desporto, fazendo da rádio o pano de fundo enquanto executam as tarefas do dia-a-dia (Velho, S/D). A possibilidade de ouvir rádio a qualquer hora do dia permite que este meio tenha um elevado impacto social e uma grande capacidade de intervenção junto dos ouvintes.

O percurso evolutivo da rádio não pode ser dissociado do eterno desejo de *universalidade* materializado na possibilidade de escutar a emissão em directo, com boa qualidade sonora e sem interferências electromagnéticas da mais pequena e pobre emissora de qualquer parte do mundo (Portela, 2006). Ponderando a realidade actual Castells (2003) remete para uma “liberdade económica” a oportunidade de ouvir uma emissão em qualquer parte do mundo e a criação de uma estação radiofónica sem a necessidade de obtenção de um alvará. Considerando todo o potencial de *universalidade* da rádio, Portela (2006) descreve-o como limitado se ponderarmos a hipótese de ainda não existir uma acessibilidade à Internet para todos. Do ponto de vista da recepção Portela (2006) identificou alguns problemas que restringem a característica da *universalidade* por existirem condicionantes técnicas, como a capacidade do servidor com o número de utilizadores em simultâneo e pela diminuição da portabilidade.

Nos anos 60, o desenvolvimento tecnológico que permitiu a miniaturização dos receptores possibilitou o nascimento de uma nova característica do meio: a *mobilidade* (Ortriwano, 1998).

Por *imediatismo* (Ortriwano, 1998), quarta característica, entende-se a possibilidade de transmitir os factos no momento em que acontecem, algo que é também uma consequência da evolução tecnológica, mas neste caso dos equipamentos emissores.

Por sua vez, a *instantaneidade* (Ortriwano, 1998; Portela, 2006) é relativa à mensagem que precisa de ser recebida e compreendida pelo ouvinte no momento exacto em que está a ser transmitida pois não é possível ouvir de novo ou mais tarde. O *imediatismo* e a *instantaneidade* são, desta forma, pilares que permitem que os factos possam ser transmitidos no exacto instante em que os acontecimentos se desenrolam, mas não devem ser confundidos pois têm características distintas. Por um lado o *imediatismo* está ligado directamente com a questão desfasamento temporal entre o acontecimento e sua divulgação, enquanto a *instantaneidade* corresponde às condições de recepção, entendidas como a transmissão, por parte do ouvinte e não à ocorrência do acontecimento.

A *espontaneidade* (Meditsch, 1997) e ainda a possibilidade de *assimilação* (Ortriwano, 1998) da informação por parte da audiência com bastante facilidade são outras características fundamentais, uma vez que a *linguagem* radiofónica é marcadamente simples, directa e caracterizada pela repetição de conceitos. “El discurso radiofónico debe hacer uso también de apelaciones directas con el fin de captar y mantener el interés de la audiencia” (Ortiz & Marchamalo, 1997, p. 24). Tal como noutros meios de comunicação, também na rádio o objectivo é atingir uma maior audiência. A linguagem simples e popular foi a forma de chegar a todas as classes sociais e ser um meio de intervenção junto das massas, “o rádio tradicional, então, é um veículo que atinge um enorme número de pessoas, das mais diferentes classes sociais” (Velho S/D, p.3).

As principais evoluções que se verificaram ao longo dos tempos permitiram introduzir as emissões em directo e disponibilizar um conjunto de géneros radiofónicos que potenciaram o desenvolvimento de outra característica da rádio, a *simultaneidade*. Segundo Meditsch (1997) a rádio é o meio onde existe *simultaneidade* entre enunciação e recepção, quer isto dizer, o discurso radiofónico é para o consumo imediato “com o reforço da *instantaneidade* dos seus efeitos na população receptora” (Portela, 2006, p.26).

A *sensorialidade* é uma característica que está dependente do envolvimento dos ouvintes com a mensagem, do diálogo mental que o locutor tem a capacidade de estabelecer com estes e da capacidade destes últimos para a imaginação. Por outras palavras, o ouvinte, por meio da mensagem, “dos estímulos sonoros que recebe, da entoação vocal, da tonalidade, do ritmo” (Ortriwano, 1998, p. 11), deve ter a possibilidade de visualizar o facto e de criar imagens mentais.

A rádio é um meio de massas onde o diálogo entre os locutores e o ouvinte permite criar uma relação de *intimismo*, mais forte do que qualquer outro meio (Ortriwano, 1998). A rádio-companhia procura ser um amigo presente a qualquer hora do dia, que não impede o desempenho de outras tarefas e que fala para muita gente como se apenas se dirigisse a um ouvinte em específico. Este processo é facilitado porque as emissões radiofónicas são recebidas de forma individualizada devido a miniaturização dos aparelhos de recepção e o seu embaratecimento (Ortriwano, 1998). Hoje transporta-se a rádio, ouve-se rádio em qualquer divisão da casa, mesmo no carro, e a recepção do rádio converteu-se num acto individual, levado ao extremo com a invenção dos *head-phones* (Fidalgo, 1998). Esta é uma característica que, tal como foi antes referido, pode ser explorada pelos programadores de rádio.

Capítulo 3

Programação

Por programação entende-se um conjunto de espaços habitualmente chamados programas onde a estruturação de objectivos e imperativos de desenvolvimento da cultura e do meio de comunicação estão aliados às motivações dos públicos-alvo. A programação de qualquer meio de comunicação deve ter em consideração a audiência, procurando responder aos seus hábitos, gostos, contexto cultural e condições de escuta da emissão.

A ausência de trabalhos científicos na área de programação em rádio impede o uma revisão bibliográfica que aborde o tema com a profundidade necessária. Por isso optámos por estabelecer comparações com o meio que lhe está mais próximo e, simultaneamente, mais atrai as crianças: a televisão.

3.1. Programação em Televisão

O dia 4 de Setembro de 1956 (Teves S/D) é um marco na história da televisão em Portugal: nesse dia foi efectuada a primeira emissão televisiva (Cádima, 1996), tendo como palco a Feira Popular. Estas emissões iniciais funcionaram como ensaios que pretendiam explorar e demonstrar as potencialidades do meio, mas também para formar locutores¹. Na primeira fase da televisão, onde predominavam ensaios de várias rubricas², a programação não era segmentada e incluía diferentes temáticas, num formato muito semelhante ao de um magazine.

As primeiras rubricas a ganharem destaque no espaço televisivo centravam-se na temática desportiva: com exibição diária, estas rubricas ocupavam um espaço considerável na emissão. As rubricas dedicadas a temas da actualidade cativavam igualmente o público: a que é considerada a rubrica precursora do Telejornal, a *Revista Mundial*, tinha a duração de 10 minutos, apresentava sequências filmadas dos acontecimentos mais relevantes e nasceu de uma colaboração com a Agência *United Press Television*. Ainda dentro da temática da actualidade surgiu o *Comentário do dia*, espaço onde jornalistas profissionais debatiam a actualidade. Desta época destaca-se

¹ Salvo referência em contrário, as referências históricas que se seguem foram retiradas do site da RTP.

² Nestes primeiros anos de emissão chamava-se rubrica ao que hoje é conhecido como programa.

ainda a preocupação em apresentar rubricas para o público feminino (duas vezes ao dia) preenchidas com filmes de actualidade e comentários direccionados para o público-alvo.

A música teve um lugar de destaque nas primeiras emissões da RTP, sobretudo no período em que as gravações decorriam na Feira Popular, e a agenda cultural surgia num denominado *Revista de Espectáculos*. A referência à programação das emissões-piloto da RTP fica completa com o destaque para o cinema nacional e documentários. Num balanço geral efectuado na última emissão da RTP-Feira, os espectadores mostravam-se satisfeitos, desejando ter de volta a RTP como companhia. (Teves, S/D).

Depois de uma paragem, as emissões-piloto recomeçaram em Dezembro de 1956 com uma programação diferente. Os filmes ganharam maior destaque, partilhando o espaço televisivo com as séries e grandes espectáculos de televisão oriundos dos Estados Unidos da América. No campo da música surgiram os primeiros telediscos, apresentados em espaços que incluíam desporto, curiosidades da actualidade e temática feminina. No campo da educação, a programação televisiva exibia documentários portugueses produzidos maioritariamente pelo Ministério da Educação Nacional, visando a divulgação e a promoção da Campanha de Educação para Adultos. A informação, que já tinha tido espaço na anterior programação, voltou com maior destaque. Dentro desta nova grelha surgiram ainda duas novidades: um programa de entrevistas e o teatro, um tipo de conteúdo que foi recebido com aplausos. No campo da programação infantil, neste primeiro ano de programas destacou-se um espaço com teatro infantil, fantoches, óperas, jogos, concursos e histórias contadas pelos grandes nomes do teatro da época.

No final do ano de 1958, a publicidade ganhou uma importância relevante tornando-se mesmo numa prioridade na organização da programação do canal. O departamento de programação deu prioridade à produção de programas patrocinados ficando a produção própria para segundo plano. Os *spots* publicitários, que tinham começado de forma rudimentar, tornaram-se mais sofisticados, ao mesmo tempo que os anunciantes começavam a ter uma preocupação cada vez maior com uma produção específica para o pequeno ecrã e não apenas para o cinema, onde tinham sido dados os primeiros passos da publicidade.

Durante a década de 60, a programação televisiva manteve-se quase inalterada. As rubricas de variedades mantiveram-se como espaços de grande audiência, surgindo no entanto uma novidade: a presença de convidados em estúdio. A informação da RTP começou a emitir diariamente em três períodos distintos, com o primeiro espaço

informativo a iniciar-se às 18h45, voltando à antena às 21h30 e antes do encerramento da emissão.

Nesta nova década a principal preocupação era abranger o maior número de espectadores possível, indo de encontro às várias áreas de interesse do espectador. Para envolver os telespectadores, a RTP reforçou a aposta nos concursos.

Em Dezembro de 1968, nasceu o *2º Programa da RTP*, mas pouco mudou pois tudo o que passava no segundo canal já tinha sido transmitido pelo primeiro. Notas da época dão conta de que os telespectadores viam o segundo canal à espera de encontrar séries, episódios, rubricas que não tinham conseguido ver na RTP-1.

Na década de 70 começaram as emissões regulares para as ilhas: Madeira, em 1972, e Açores, três anos depois. Ao nível de programação, o canal público procedeu a poucas alterações. No ano de 1974 a RTP levou a todo o país as imagens de um dos acontecimentos mais marcantes na história portuguesa: a Revolução dos Cravos.

No pós-25 de Abril a RTP começa a preocupar-se em realizar uma programação para camadas não urbanas que nesta fase já tinham acesso à televisão. Na RTP-2, as principais apostas da programação foram a informação, onde os acontecimentos de destaque nacionais eram expostos em debate. As principais rubricas da época mantinham semelhanças com as da RTP1, centrando-se na música, entrevistas a personalidades e curiosidades. Destacavam-se ainda as revistas semanais da actualidade nacional e internacional, os magazines de informação científica e o roteiro cultural e recreativo. As séries policiais divididas foram uma marca distintiva dos primeiros anos da RTP2.

Nos anos 80, a grande inovação técnica foi a televisão a cores. No que concerne à programação, a RTP continuou a apostar nas rubricas variadas, procedendo a algumas alterações de forma a torná-las mais actuais e de acordo com as necessidades e gostos dos telespectadores. Um exemplo desta situação foi a música, com programas dedicados a estilos específicos, como jazz, blues e música *country*. No espaço dedicado ao entretenimento, destaque para o cinema, com emissões regulares de longas-metragens portuguesas, e para as séries estrangeiras. O espaço informativo também sofreu alterações, sobretudo entre 1984 e 1986, uma vez que o público pretendia cada vez mais e com melhor qualidade a informação. Este conjunto de factores levou à remodelação dos formatos informativos que já existiam e ao surgimento de novos formatos de informação como o comentário especializado e os debates com temas de interesse público. Começam também a ganhar espaço as transmissões dos grandes eventos

desportivos de que são exemplos os Jogos Olímpicos, campeonatos mundiais e europeus de diversas modalidades e a Fórmula 1.

O canal 2 tentava diferenciar-se destacar-se da RTP-1 timidamente com uma programação mais virada para a cultura. Uma aposta de sucesso foram as rubricas de entrevistas que cativavam o público pelo lado mais intimista e pessoal das figuras públicas.

No início da década de 90, a RTP-1 confrontou-se com o aparecimento de concorrência: a SIC nasceu em Outubro de 1992 e a TVI apareceu cerca de meio ano depois, em Fevereiro de 1993. A reacção da RTP-1 foi apostar numa programação de natureza comercial, procedendo à alteração de toda a grelha de programação de forma a conseguir lutar pelas audiências que estavam a “fugir” para os outros canais, principalmente para a SIC. Os telespectadores da RTP-1 viram assim surgir *talk shows*, concursos, séries americanas, filmes de sucesso no cinema, telenovelas brasileiras e programas de produção nacional e internacional. A concorrência transformou a RTP-1 numa estação mais comercial, um campo onde veio a ter dificuldades, perdendo mesmo a liderança das audiências. Em compensação, a RTP-2 dedicou-se mais à divulgação da cultura e adoptou um modelo informativo mais sóbrio, apresentando uma grelha de programação de serviço público.

Entre as novas estações, a SIC apostou em programas de informação, entretenimento, documentários e programas de ficção falados em português, sobretudo novelas da Globo, a par de uma forte estratégia de marketing, o que conduziu o canal à liderança de audiências logo em 1995. A TVI, inicialmente propriedade da Igreja Católica, optou por uma programação mais conservadora, ocupada com séries, filmes e concursos, e assim se manteve durante os primeiros sete anos em que as audiências foram sempre baixas.

Ainda nesta década (Outubro de 1994), a televisão por cabo deu os primeiros passos em Portugal. Na sua primeira fase, os utentes do novo serviço, dispunham de 40 canais, estando entre eles, a RTP-1, a RTP-2 e a RTPi. O serviço fez-se anunciar como inovador, interessante e oportuno com a disponibilização do acesso a vários canais estrangeiros, generalistas e temáticos, que até então apenas estavam disponíveis através de antenas parabólicas (Nascimento, 2000).

Todo este cenário obrigou os canais públicos a mais uma reestruturação, o que aconteceria na transição de 1994 para 1995. A nova grelha de programação da RTP apostou na informação e a RTP-2 assumiu o seu estatuto de canal para as “grandes

minorias”, privilegiando os espectáculos culturais e teatro, o cinema, a ficção, os documentários e a informação.

O ano de 1997 viu nascer a SIC Internacional, e em 1998 a RTP deu início a mais um canal temático no cabo, a RTP África. Neste mesmo ano surgiu a SportTV o primeiro canal português de acesso pago no cabo. Em Setembro de 2005 surgiu um segundo canal de desporto da mesma cadeia de televisão, o SportTV2, e quatro anos mais tarde nasceu o SportTV3, que ocupa as suas emissões com a transmissão de desportos alternativos, como o montanhismo, o ciclismo, os desportos radicais e a transmissão de campeonatos escolares.

No ano de 1999, as dificuldades financeiras da RTP acentuaram-se de forma significativa. O investimento na área de produção foi entendido como uma prioridade no processo de mudança, pois só uma forte aposta nesta área permitiria cumprir as responsabilidades estabelecidas no Contrato de Concessão do Serviço Público. As reestruturações nas várias áreas e os cortes financeiros não se estenderam a programas que já tinham comprovado ser uma mais-valia na grelha de programação. Na área de informação, os programas e principais rubricas mantiveram-se, ainda que alguns tenham sofrido alterações.

Novo milénio e novos canais temáticos da SIC no cabo. A SIC Gold, que nasceu em 2000, apresentou-se com uma grelha de programação dedicada aos clássicos que tinham feito sucesso no canal generalista. Em Outubro de 2004 começaram as emissões da SIC Comédia em substituição da SIC Gold. O novo canal apostou na transmissão de conteúdos de âmbito humorístico e de comédia, no entanto, nem com esta remodelação o canal se manteve no ar durante muito tempo e em 2006 cessaram as transmissões.

Em 2001, a SIC investiu novamente e criou mais dois canais temáticos no cabo: a SIC Notícias e a SIC Radical. A SIC Notícias substituiu a primeira emissora regionalista da televisão no cabo, a CNL (Canal de Notícias de Lisboa), que emitia desde Setembro de 1999. A SIC Radical apresentou-se como uma alternativa aos restantes canais, oferecendo uma programação centrada nas séries, programas de humor nacionais e internacionais, desenhos animados de referência ou programas de crítica social. Em 2003 nasceu o primeiro canal temático no cabo dedicado ao público feminino, a SIC Mulher: a grelha de programação centrava-se na ficção nacional e estrangeira, magazines, *talk-shows*, séries, filmes. Ainda nesse ano nasceu mais um canal do universo Impresa, o SIC Esperança, um projecto de solidariedade.

Na TVI, a entrada de José Eduardo Moniz para director-geral, em 1998, começou a dar frutos e dois anos depois audiências. O momento de viragem foi em 2000, com a aposta em programas de ficção nacional. A par desta opção registaram-se investimentos em programas infantis, um relançamento dos espaços informativos e o aparecimento dos *reality shows*, como o Big Brother, que levariam a TVI à liderança das audiências.

Em Novembro de 2003, a RTP2 adoptou uma nova denominação, A2, onde se pretendia uma maior ligação com a sociedade civil. No A2 surgiram novos conteúdos de âmbito educativo, cultural, infantil e social. De forma a tornar este modelo mais sustentável, definiram-se áreas específicas de intervenção e parceiros institucionais que ao mesmo tempo que garantiam programas ou sequências de qualidade para um público mais segmentado, cediam os meios humanos e materiais, apoio técnico e científico, direitos e transmissão e ainda patrocínios de espaços ou programas. A programação deveria ser preenchida com uma temática diversificada: cultura, ciência, investigação, inovação, acção social, desporto, religião, produção independente, cinema, ambiente e defesa do consumidor. A mudança de grelha de programação gerou uma alteração no perfil da audiência, aumentando o público mais jovem (4-14 anos) e diminuindo nas faixas etárias com mais de 32 anos (Borges, S/D).

No mesmo ano nasceu ainda o MTV Portugal, um canal direccionado para a música. As emissões no cabo estavam divididas entre a retransmissão da programação norte-americana do canal e os conteúdos exclusivos portugueses, como o *Hit List Portugal*.

Em 2004 surgiu a RTP N como sucessora do NTV (PortoTV, Informação e Multimédia, S.A.) o segundo canal regionalista português direccionado para a região Norte do país e sendo produzido desde o Porto. A grelha de programação deste canal estava vocacionada para a difusão de noticiários embora a sua grelha tenha incluído uma série de programas que, de modo coerente, se relacionavam com o conteúdo base do canal. Ainda em 2004 nasce a RTP Memória, um canal temático generalista, que transmite programas dos arquivos RTP.

Em Setembro de 2006 surgiu o Porto Canal, um canal de televisão que centra os conteúdos das suas emissões na região do Porto. A colaboração existente entre o canal, as autarquias, as empresas da região e a Universidade do Porto permitem realizar uma forte aposta na informação de interesse específico para os concelhos do Porto.

Com a nova de lei da televisão, revista em 2007, a A2 voltou chamar-se RTP2, mantendo a programação centrada nos interesses do público, valorizando a educação, a investigação, a ciência e as artes. O canal passou de uma emissão mini-generalista para uma emissão generalista, continuando a considerar os princípios de qualidade, coerência e distinção dos demais serviços públicos e privados. Desde então têm sido efectuadas mudanças na grelha do canal, no entanto, pouco significativas.

Actualmente, e segundo os dados do Anuário da Comunicação de 2007/2008 reforçados no Anuário da Comunicação 2008/2009, as estações de televisão generalistas portuguesas têm uma emissão com características próprias. A RTP privilegia programas de divertimento, de informação e de ficção e por sua vez, a RTP2 aposta em programas de cultura geral e/ou conhecimento, juventude e informação. Por outro lado, e considerando o seu carácter privado e comercial, a SIC e a TVI apostam na ficção, sendo este o género que mais tempo está no ar em ambos os canais.

Se em termos hertzianos não se registam grandes alterações desde 2008, no caso da televisão no cabo regista-se um significativo aumento na oferta de canais nacionais e estrangeiros. No caso dos portugueses, regista-se o nascimento de canais que apostam nas mais variadas temáticas. Em Dezembro de 2008 surgiu o Mov que centra a programação nas séries e filmes, em Fevereiro de 2009, nasceu o TVI24 uma aposta informativa da TVI. O mais recente canal é o Económico TV (Maio de 2010) centrando a programação em toda a informação económica.

3.2 Programação em Rádio

A história portuguesa deste meio de comunicação começa a escrever-se no início do século XX e traduz-se num longo percurso repleto de reinvenções. Embora não exista uma referência concreta, Ribeiro (2005) situa o aparecimento das primeiras estações de rádio em 1920, numa época em que as preocupações técnicas se sobrepunham à programação. Silva (2004) é mais preciso nas datas que marcam o verdadeiro início da rádio: 1914 é o ano e Fernando Cardello Medeiros emite a primeira emissão sem fios com voz e música. O primeiro programa de radiodifusão do mundo surgiu oito anos antes, na noite de Natal de 1906, “quando os operadores de tsf tiveram uma surpresa: ao invés de ouvirem o habitual crepitar da Telegrafia Sem Fios ouviram [...] a obra *Largo* de Handel, e depois tocou no seu violino (Reginald Fessenden) *Oh*

Only Night. Finalmente leu uns versículos da Bíblia e desejou a todos Feliz Natal” (Silva, 2004, S/N).

A Emissora Nacional iniciou oficialmente a actividade radiofónica em 4 de Agosto de 1935 com um concerto dos carrilhões de Mafra. Traduzido em números, o primeiro ano de programação tinha um total de nove horas diárias, divididas em dois períodos do dia: 12/14h e 17/22h. Os espaços eram preenchidos com música gravada (58,3% da emissão), música ao vivo (24,8%) e espaços de palavras (17%) (Ribeiro, 2005).

Nos anos dourados da rádio, entre 1930 e 1950, a rádio ganhou um lugar de destaque nas salas de estar das famílias, proporcionando informação e entretenimento (Kischinhevsky, 2009). Nos primeiros anos, ouvir a rádio representava uma experiência familiar: as atenções da família concentravam-se em torno do receptor, uma vez que a rádio procurava reconstruir a realidade vivida no país, por meio da difusão de espectáculos e dramatizações concretizadas dentro do próprio estúdio da emissora. O relato dos acontecimentos, que normalmente decorriam a grandes distâncias geográficas e/ou sociais do contexto em que se encontravam os ouvintes, constituía-se como uma visão do mundo (Kischinhevsky, 2009). Se durante o período nocturno a emissora reunia toda a família se seu redor, durante os restantes períodos do dia servia de pano de fundo sonoro capaz de estar presente tanto nos espaços públicos como nos privados, tanto na rua como em casa (Kischinhevsky, 2009).

Em termos de programação, nestes primeiros anos não se verificava uma grande diferença entre as emissoras. As horas em que estavam no ar eram preenchidas com recitações, leituras, programas de propaganda das terras portuguesas, efemérides, e rubricas sobre as datas relevantes da história portuguesa (Ribeiro, 2005). Já no que diz respeito ao campo da informação, as emissoras ofereciam conteúdos sobre economia, o diário do Governo e a revista de imprensa nacional. Os noticiários foram ganhando destaque de forma gradual, sempre escritos e lidos numa linguagem bastante formal o que, segundo Ribeiro (2005), os tornavam incompreensíveis para uma parte importante da população. A inexistência de contextualização dos acontecimentos, “desprovidos de meios que lhe permitissem estabelecer as inter-relações entre os diversos acontecimentos e, portanto, incapaz de entender a importância das notícias transmitidas” (Ribeiro, 2005, p. 125) reduzia o impacto dos serviços informativos.

Esta situação prolongou-se durante alguns anos, uma vez que a única referência para a escrita das notícias vinha dos jornais. Dos géneros informativos, destaque para a

reportagem que desde os primeiros meses ganhou um lugar nobre na grelha de programação. (Ribeiro, 2005). Os programas que constituíam as emissões, e que não estavam directamente relacionados com o regime salazarista que vigorava em Portugal serviam para distrair a população da situação do país em relação ao resto do mundo, permitindo esquecer a ditadura por instantes. Assim, das primeiras décadas das emissoras, destaca-se a transmissão de produções culturais e artísticas, centrado no teatro que ainda possuía um espaço reduzido na grelha (Ribeiro, 2005).

Nesta primeira fase da rádio, o objectivo da programação prendia-se com a função de entretenimento, que Cordeiro descreve como uma forma de “comunicação radiofónica pouco original, através de programas que procuravam acima de tudo, distrair os ouvintes dos verdadeiros problemas que afectavam a nação” (2004, p.2). Os programas humorísticos eram presença obrigatória nas grelhas e, devido à sua natureza, estavam sob vigilância da Censura que, tal como aconteceu posteriormente na televisão, obrigava a codificações linguísticas tendentes a camuflar o verdadeiro conteúdo da mensagem. A censura era realizada pelos mecanismos de repressão do regime político autoritário que vigorava em Portugal, alegando estar a velar “permanentemente pela pureza doutrinária das ideias expostas e pela defesa da moral e dos bons costumes” (Cordeiro, 2004, p.2). Salazar invocou a defesa dos valores do Estado para definir uma estratégia dissimulada de manipulação da opinião pública aproveitando para tal o monopólio de comunicação disponibilizado pela rádio. Ribeiro (2005) destaca duas funções essenciais que o regime salazarista atribuía à rádio: a função política, centrada na instrumentalização dos *media* não de forma a mobilizar as massas, mas para criar redes de controlo que evitasse o questionamento das atitudes do Governo, e ainda a função de educação das massas. A rádio era “um valioso agente de educação e de cultura pela conferência, pelos concertos, pelas peças de teatro e pelas lições sobre todos os assuntos do ensino” (Ribeiro, 2005, p. 126). As emissões radiofónicas estavam reservadas aos governantes do país sempre que estes assim o desejassem e todas as iniciativas passíveis de prejudicarem o regime eram imediatamente proibidas. Os anos dourados da rádio acabaram por ser utilizados maioritariamente para difundir a mensagem da ditadura (Cordeiro, 2004).

Num estudo centrado na análise da programação da Emissora Nacional, no período entre 1935 e 1944, Ribeiro (2005) classifica os programas da grelha da estação em dez categorias principais: música, notícias, programas falados, futebol, programas infantis, intercâmbio, teatro, serões, serviços religiosos e outros. As restantes rádios, que

surgiram um pouco por todo o país, replicaram os programas que se enquadram nestas categorias, pois “quando um tipo de programa se popularizava e estabilizava, por contributo de uma estação ou animador radiofónico, era depois, com frequência, assimilado ou reformulado por outras estações e animadores” (Santos, 2005, p. 237).

O aparecimento da televisão, e o fascínio da audiência com o novo meio, obrigou a rádio a fazer alterações. Embora tenha perdido o lugar central nos lares, os receptores entraram numa fase de miniaturização, e o pequeno aparelho de fácil transporte passou a permitir ao ouvinte ter acesso aos conteúdos em qualquer local. Com esta reinvenção, a rádio tornou-se um meio capaz de acompanhar o ouvinte fora de casa, algo que a televisão não conseguia. Por outro lado, e como se viu no capítulo anterior, ao ser um meio unissensorial, a rádio podia ser companhia enquanto os ouvintes realizavam outras tarefas (Kischinhevsky, 2009).

A reacção da rádio ao aparecimento da televisão não passou somente por aspectos técnicos, como a miniaturização dos receptores, mas também pelos conteúdos. Os novos programas surpreenderam a sociedade pelo cunho de criatividade que apresentavam e por uma inovação a nível do discurso que alterou a uniformidade da comunicação instrumentalizada (Cordeiro, 2004). Neste período, o regime mostrava mais preocupação com os conteúdos do novo meio – a televisão – pelo que a rádio aproveitou o menor controlo da Censura para introduzir novos programas nas suas grelhas. Neste período, a rádio portuguesa revelou uma faceta mais moderna que se sentiu sobretudo no campo da música, da ficção e a nível do discurso e da expressão, características essenciais da segunda fase da rádio (Cordeiro, 2004). A década de 60 ficou marcada pelo aparecimento de novos e diversificados programas, que em muitos casos chegavam aos limites impostos pela Censura, mas foi ainda um período marcado pela introdução de factores dinâmicos de modernização na rádio “como a saída da cabina e a emissão nocturna, e condições humanas de desenvolvimento (...), formada na rádio ultramarina, precursora da rádio viva e atenta” (Cristo, 2005, p. 22). O conjunto de inovações que se registaram nesta década permitiram atribuir à rádio um novo estatuto: um meio divulgador de cultura. A informação ganhou um novo destaque na rádio passando a ocupar um lugar central nos programas que se tornavam temáticos, desde blocos informativos até programas de divulgação musical.

Contudo, este conjunto de inovações, que caracterizaram o início da década de 60, inicialmente capaz de conquistar novos ouvintes, rapidamente se revelou obsoleto quando se aproximavam os anos finais da mesma década. A falta de conhecimento e

transmissão da realidade aliado a um sistema de música e conversa que não entretinha com tanto interesse como no passado revelou uma rádio desadequada do tempo (Cordeiro, 2004). Surgiu a necessidade de investir e dinamizar o meio, “a rádio enfrentava um momento de ruptura, entre uma comunicação institucionalizada e outra que se constituía de acordo com o ritmo e o dinamismo próprio do pulsar dos acontecimentos da sociedade” (Cordeiro, 2004, p.3).

Assim, as principais alterações registaram-se ao nível da grelha de programação, com as horas nocturnas a serem aproveitadas para programas que desenvolviam a acção informativa e formativa. A rádio deste tempo passa a interessar-se cada vez mais pelos directos do exterior: “a rádio ensonada acorda, desperta e agita-se; rejeita a rotina e a imunidade aos imprevistos do dia-a-dia. Com enfoque na cobertura informativa, o programa explora quer o directo quer o diferido, este último em esmeradas montagens” (Cristo, 2005, p. 23).

No final da década de 60, já no período que ficou conhecido como a “Primavera Marcelista”, a rádio ganhou um novo relevo na sociedade e registou um importante desenvolvimento. Embora haja registos que Marcello Caetano tenha tentado suavizar a acção da censura, o que se verificou foi um reforço da restrição à liberdade. Apesar disso, por não existir qualquer propaganda ao regime e por revelarem um determinado inconformismo em relação à situação do país, os programas produzidos e as reportagens foram um marco na história da informação (Cordeiro, 2004).

Até 1974, ano de alterações significativas nos meios de comunicação social, os portugueses uniram-se em torno da rádio, não por proximidade geográfica mas por motivos ideológicos e afectivos (Cristo, 2005). O ano de 1974 foi um ano de relevância para o país, mas também para a rádio que desempenhou um papel decisivo na revolução de Abril. Através deste meio, as forças militares foram mobilizadas por meio de “senhas” musicais que deram início, confirmaram e puseram em marcha o Movimento das Forças Armadas.

A revolução que trouxe a liberdade ao país estendeu-se aos meios de comunicação social. Após o 25 de Abril de 1974, Cordeiro (2004) destaca três fases de evolução da rádio: A primeira ficou marcada pela nacionalização das rádios portuguesas, uma situação que provocou uma perda de vitalidade do sector ao entregar o mercado a duas grandes emissoras, a Rádio Renascença (RR) e a Rádio Difusão Portuguesa (RDP). A segunda fase é caracterizada pela ausência de legislação reguladora do sector. No final da década de 70, as entidades privadas viram-se

impossibilitadas de abrir as suas próprias emissoras devido à ausência de legislação para o efeito: a consequência foi o nascimento das chamadas rádios livres, também conhecidas como rádios pirata. Estas novas emissoras, com um elevado nível de experimentação, introduziram algumas inovações em áreas que ainda não tinham sido exploradas pelas rádios nacionais. Nesta fase, e pela primeira vez na história deste meio, as emissões centravam-se maioritariamente na difusão de notícias locais. A terceira fase coincide com o processo de legalização das rádios livres. Em 1986, Portugal atingiu o pico das rádios piratas e perante um cenário em que o espectro radioelétrico começava a ficar esgotado, o Governo decidiu iniciar um processo de legalização, lançando concursos em todo o país. Após a legalização, em 1989, as rádios foram obrigadas a profissionalizar a estrutura e a própria comunicação radiofónica. No campo da programação, as grelhas radiofónicas também sofreram modificações, algo que se revelou ser uma lufada de ar fresco que permitiu reconquistar algum do público perdido (Cordeiro, 2004).

Nos anos 90, a característica mais marcante foi o nascimento dos grupos de *media*, que juntaram numa mesma empresa jornais, rádios e televisões. O sector comercial ganhou algum ascendente sobre o sector dos conteúdos, com repercussões na qualidade do produto final. (Cordeiro, 2004).

A massificação da Internet, no final do século XX, criou novos os desafios à rádio. Esta fase de adaptação ao novo meio ainda continua, com as rádios a aproveitarem a rede para levarem a emissão mais longe, mas também para oferecerem novos conteúdos aos seus ouvintes.

Ao longo da sua história, a rádio procurou adaptar-se às mudanças reinventando-se em termos técnicos, mas também no campo dos conteúdos, o que mais nos interessa. Actualmente, os programas são pensados e desenvolvidos a pensar na melhor e mais eficaz forma de chegar a um público cada vez mais segmentado, o que conduziu a uma oferta radiofónica dirigida a pequenos nichos de mercado: a Rádio Amália é um bom exemplo desta tentativa da rádio se manter nas preferências dos cidadãos.

3.2.1. Serviço público de radiodifusão

A necessidade de distinção entre o serviço público de radiodifusão e emissoras privadas surgiu num contexto repleto de alterações: a rádio passou de objecto artístico

que tinha um fim em si mesmo para ser entendida como uma actividade em que o produto final deve ser rentável (Cordeiro, 2004).

Num sentido abrangente, o serviço público deve ser entendido como uma emissão sem qualquer ligação à iniciativa privada e às regras de mercado. O serviço público deve centrar o seu trabalho no objectivo de proporcionar ao público um conjunto de bens e serviços que se podem revelar como essenciais para determinados públicos (Contrato de Concessão do Serviço Público de Radiodifusão Sonora,³ 1999). Monteiro (2008) identifica como principal característica do serviço, a satisfação de interesses e a resolução das diversas necessidades dos seus ouvintes baseando-se para tal no acompanhamento e interpretação da realidade, assim como na evolução mutável do meio social. Deve constituir-se como referência de serviço público, ainda que apenas teoricamente, estar alheio à conquista de publicidade e de lucro (Monteiro, 2008). Para poder concretizar esta obrigação, o Estado deve garantir o financiamento do Serviço de Radiodifusão através de um sistema que não deve estar submetido às regras do Tratado da Comunidade Europeia, mas sim proporcionado por meio de taxas ou fundos do Estado (Condições Gerais do Contrato de Concessão).

Por oposição, a estrutura e conteúdos das grelhas de programação de uma emissora privada procuram grandes audiências que permitam gerar receitas provenientes da publicidade e subscrição (Nissen, 2006).

De acordo com o disposto na alínea 8 das condições gerais do Contrato de Concessão do Serviço Público e Radiodifusão Sonora (CCSPRS), constitui-se como obrigação do serviço público disponibilizar e promover diversificadas ofertas de cultura e lazer capaz de agradar a todos os públicos e a diferentes sociedades que desta forma têm a possibilidade de ver satisfeitos os seus interesses. O serviço público de rádio deve ainda satisfazer as necessidades do público no que concerne à informação (alínea 9), por ser, em determinadas comunidades, a única ponte que liga a população ao mundo e, portanto, a única forma de se informarem com rigor e seriedade, contribuindo desta forma para a criação de uma consciencialização cívica e social dos cidadãos.

³ Contrato de Concessão do Serviço Público de Radiodifusão Sonora, 1999. Disponível em: http://ww1.rtp.pt/wportal/grupo/pdf/radio_ccsp.pdf consultado a 27 de Fevereiro de 2010. As referências feitas no seguimento deste tópico serão todas retiradas do Contrato de Concessão do Serviço Público de Radiodifusão Sonora, salvo nota em contrário.

A definição de serviço público fica incompleta se não referirmos os imperativos que condicionam a sua prestação. Como forma de garantir e preencher as necessidades da natureza democrática, devem ser considerados três imperativos: **a) independência:** a forma, o modelo e a organização do serviço público não pode, em caso algum, ser permeável a qualquer interferência seja de que natureza for. A excepção à regra apenas se aplica ao controlo que possa ser imposto pela própria sociedade em que está inserido o serviço. As emissões devem assegurar a possibilidade de expressão e confronto de diversas opiniões que só se revela uma possibilidade se forem respeitados, sem excepções, os princípios da liberdade e da independência perante o Governo, face à Administração e a todos os demais poderes públicos (Cláusula 5º, alínea 1). **b) pluralismo:** o rigor e a objectividade devem aplicar-se à informação e à programação. Este segundo imperativo decorre directamente do primeiro por obrigar as emissoras de serviço público a disponibilizarem programas capazes de satisfazer todos os públicos considerando a diversidade de correntes de opinião que emergem na sociedade. A informação, por sua vez, deve ser disponibilizada ao público sem censura, totalmente isenta de manipulações do Governo, da Administração e dos demais poderes políticos (Cláusula 5º, alínea 3-a). **c) acessibilidade:** só um serviço público acessível à totalidade da população pode ser considerado como possuidor da característica de universalidade. Para que tal se revele uma possibilidade deve ser estruturada uma emissão equilibrada considerando idade, ocupação, interesses, espaços e origens dos diferentes públicos e dividida entre informação, recreação, promoção educacional e cultural do público em geral.

O contrato de concessão do serviço público de radiodifusão sonora refere ainda que o concessionário deve apresentar uma programação de referência, inovadora e com elevados padrões de qualidade (cláusula 4º, alínea a).

No panorama cultural, a rádio com a concessão do serviço público deve procurar ser um factor de coesão social entre as diversas culturas, bem como mostrar capacidade para garantir uma programação acessível a toda a população (cláusula 4º, alínea c). Daqui decorre a utilidade prática do meio público no combate a todas as formas de exclusão e a todos os níveis de discriminação: social, cultural, religiosa, étnica e sexual e na inserção das minorias étnicas (cláusula 4º, alínea d). A concessionária deve ser uma rádio de expressão nacional e internacional, vocacionada para a difusão da língua e da cultura portuguesa por meio da promoção e divulgação de todas as criações artísticas e a promoção do património histórico e cultural (cláusula 4º, alínea d). Na emissão que

realiza, a emissora de carácter público deve visar o reforço da identidade nacional e da solidariedade entre os portugueses e as restantes comunidades (cláusula 4º, alínea e).

Ao serviço público cabe ainda a obrigação de criar e promover programas educativos ou formativos destinados a públicos com diferentes níveis de habilitações, atendendo aos grupos socioprofissionais e às minorias étnicas que compõem a sociedade (Cláusula 5º, alínea 3-d). Nas grelhas de programação deve ainda ser pensado um espaço aberto ao comentário, à crítica e ao debate com o confronto de ideias, capaz de contribuir para o esclarecimento, a formação e a participação cívica e política da população (Cláusula 5º, alínea 3-f).

Atendendo à evolução constante da sociedade, a rádio de serviço público deve garantir uma evolução tecnológica que incorpore as inovações capazes de garantir uma melhor eficiência e qualidade do serviço que presta (Cláusula 4º, alínea g).

3.2.2. Caracterização da concessionária do serviço público em Portugal: RDP

Segundo Cordeiro (2004, p.6) a RDP pode descrever-se como “uma grande organização com pequenas estruturas dentro de si que produzem produtos muito diferentes”. A RDP, enquanto entidade pública de radiodifusão, disponibiliza três emissoras de âmbito nacional.

A Antena 1 apresenta-se como a emissora de carácter mais pluritemático e, portanto, apresenta uma programação generalista capaz de chegar a todos os públicos. De acordo com o Contrato de Concessão do Serviço Público de Radiodifusão Sonora, trata-se de “Uma emissão (...) com opções diversificadas e uma forte componente informativa e de entretenimento, destinada a servir a generalidade da população, atenta às realidades regionais e à divulgação de música portuguesa, seus intérpretes e compositores, bem como às manifestações culturais, desportivas e outras, de grande interesse do público” (p. 10).

A segunda emissora de serviço público, Antena 2, deve dirigir a sua programação para uma vertente mais cultural e para um público específico. Assim, esta estação oferece uma “Emissão de índole cultural, respeitando padrões exigentes de qualidade em termos de estética, de conteúdo e tecnológicos, vocacionada para a transmissão de programas de música erudita, atenta às suas manifestações mais significativas a nível nacional e internacional, interessada em fomentar o conhecimento e o gosto pela música, aberta à temática das letras, das artes e das ciências, sensível à modernidade” (p.11).

Ponderando os aspectos estabelecidos em contrato, a Antena 2 categoriza-se por ser uma emissora elitista, onde as grelhas de programação são preenchidas com música clássica. A emissora pública é aquela que apresenta uma maior vertente cultural e, simultaneamente uma postura mais erudita sendo, no entanto, ineficaz na divulgação da cultura em todas as vertentes (Cordeiro, 2004).

A Antena 3 é uma emissora que tem como fim atingir um público mais jovem. Para prosseguir esse objectivo, oferece uma programação com base nas aspirações e interesses que fazem parte do público juvenil. É uma estação “Vocacionada para o público mais jovem, que tenha em conta a atitude crítica das novas gerações face à realidade envolvente e vá ao encontro das suas aspirações e interesses, reflectindo o seu estilo de vida e promovendo ideias ou projectos que estimulem a sua participação na sociedade (p.11). A actual grelha de programação da Antena 3 reflecte a preocupação pela inserção de espaços informativos abertos à participação do público, onde existe abertura para a discussão de um vasto leque de temáticas do interesse dos mais jovens (Monteiro, 2008). Apesar disso, Cordeiro (2004) defende que não existe uma real oferta de um produto que seja o reflexo dos problemas e das necessidades dos jovens, como seria de esperar da emissora pensada para os mais novos

Monteiro (2008) considera que a divulgação musical constitui-se por si só como parte cumprida das funções estabelecidas em contrato, descurando o facto de a música estrangeira continuar a ocupar um espaço de tempo considerável no total da emissão diária. O mesmo autor refere ainda a ausência de espaços de divulgação cinematográfica.

3.3. Evolução da programação na área educativa

A natureza de um meio de comunicação e o seu público-alvo determinam o tipo e as características dos conteúdos que são disponibilizados à audiência, neste caso, às crianças. Pela sua natureza e pelo conjunto das suas características, a televisão potencia a promoção da expressão e do diálogo criativo que cativa facilmente a atenção das crianças. A ausência de estudos na área da programação radiofónica para crianças, como foi dito anteriormente, obrigou-nos a recorrer aos estudos realizados em televisão (Ponte, 1998; Pereira, 2007) para construir as grelhas de análise para os programas de

rádio. Foi igualmente usada a história da televisão para identificar um conjunto de características com potencial para utilização nos programas radiofónicos infantis.

3.3.1. Televisão

a) RTP

A programação infantil em televisão iniciou-se em 1963 por iniciativa de uma equipa de produção que procurava divulgar a qualidade de formas e conteúdos para os mais novos (Teves, S/D)⁴. Na programação infantil, Maria João Avillez tornou-se numa apresentadora muito admirada pela forma como se empenhava na crónica humorística e na divulgação de figuras como o Pica-Pau, o Quim Pincelada, o Sebastião ou o Dói-Dói. No que concerne aos conteúdos dos programas infantis da época, destaque para o “Mãos à Obra”, um programa que se centrava no aeromodelismo, e para o “Clube Juvenil”, que fez uma aposta significativa no xadrez.

Em 1966, a programação infantil sofreu alterações com a introdução de programas durante os dias da semana, no horário entre as 20h30 e as 21h: “O Carrossel Mágico”, as aventuras da menina Anica e do seu cão Franjinha, o Saltitão, o Ambrósio, o tio Realejo e o Flávio são algumas personagens de programas desta época.

Segundo dados da RTP, em 1973 a Telescola e os programas educativos dominavam a programação do canal de serviço público, com 770 horas, seguida da programação cinematográfica, com 487 horas, e do Telejornal (incluindo as actualidades) que chegava às 431 horas.

A rubrica televisiva “Cinema de Animação”, apresentada por Vasco Granja iniciou-se em 1974 e esteve no ar durante 16 anos, contabilizando um total de cerca de um milhar de edições. Um dos maiores sucessos foi “O lápis mágico”, uma série que pretendia desenvolver a capacidade imaginativa das crianças.

Em 1977, o Departamento de Programas Infantis e Juvenis, a cargo de Maria Alberta Menéres, introduziu na programação séries de sucesso como a “Wickie” ou a “Heidi”, com o aparecimento das dobragens em português. Espaços como o “Abre-te Sésamo”, que viria a dar lugar a “Rua Sésamo”, um programa de que falaremos mais

⁴ As referências feitas no seguimento deste tópico serão retiradas do sitio da RTP, salvo referência em contrário.

adiante pela importância que teve, e o “Fungagá da Bicharada, foram grandes sucessos na televisão portuguesa.

No início da década de 80 a programação infantil ficou marcada por três rubricas: “Arte & Manhas”, um programa divertido com Júlio Isidro no papel do “Tio Julião”, “Quadrados e Quadrinhos”, directamente do teatro Villaret, e por último “Miúdos e Graúdos”, assente num modelo de programa musical orientado para os interesses das crianças onde se abordavam temáticas relacionadas com a escola, sociedade, ambiente e televisão.

No ano seguinte nasceu o “Bom-Dia Domingo” pensado para juntar todas as gerações à volta do ecrã. Ainda no mesmo ano surgiu rato Topo Gigio que se apresentava após o telejornal da noite.

Em 1982 surgiram o “Vamos Cantar um Conto”, “Segredos dos Dedos” e “As Crianças e os Livros”. O primeiro, como o próprio nome o indica, era um contar de histórias infantis ao som de canções enquanto que o segundo programa, “Segredos dos Dedos”, teve a duração de 13 emissões e eram apresentados e desenvolvidos temas que permitissem aos mais pequenos ocupar os seus tempos livres. Este programa teve ainda como característica o facto de as crianças poderem participar em estúdio e mostrar o que eram capazes de fazer com as mãos. O último tipo de programa era uma viagem que Maria Alberta Menéres e Otília Ribeiro faziam pela literatura infantil.

Um telejornal feito para os mais novos foi a inovação que se fez sentir no campo da programação infantil em 1984. O “Jornalinho” aliava a informação que interessava aos mais pequenos, blocos de notícia de desporto e da actualidade internacional, com séries infantis. No início do mesmo ano, a chefe do Departamento de Programas Infantis e Juvenis, Maria Alberta Menéres, conseguiu uma nova área de produção deste tipo de programação e em 1988 nascia “O Romance da Raposa”, uma produção portuguesa. O êxito alcançado por esta série permitiu a sua extensão a várias estações de televisões estrangeiras.

O ano de 1989 ficou na história da programação infantil com o lançamento da “Rua Sésamo”, uma das séries infantis mais acarinhada pelas crianças. Em 1993 e 1994, as manhãs aos fins-de-semana da a RTP eram preenchidas com o “Canal Jovem”, e nos três anos seguintes foi exibido o “Sempre a abrir”, programa que posteriormente foi adaptado pelas duas emissoras privadas portuguesas.

Em 1996 nasceu o www.aldeiaglobal.pt, uma rubrica emitida de segunda a sexta-feira que se dedicava às novas tecnologia. A rubrica que se tinha apresentado com

uma vertente simultaneamente educativa e lúdica dava destaque à Internet procurando levar conhecimentos sobre as novas tecnologias aos alunos de várias escolas do país.

Em 1997 surgiu “O Jardim da Celeste”, um programa pensado para substituir a consagrada “Rua Sésamo”. No programa, Ana Brito e Cunha era uma educadora de infância com uma carrinha mágica que em cada episódio levava as crianças para um sítio diferente. Cada nova aventura contava com a presença de 11 bonecos de personalidades distintas mas sempre disponíveis para uma destemida aventura. Ainda no mesmo ano nasceu o “Clube Disney”, exibido semanalmente nos sábados à tarde. Cada emissão era apresentada por um grupo de jovens que se dedicava a abordar um tema diferente por meio de filmes de animação dobrados em português, reportagens, séries da *Disney*, participação dos telespectadores via telefone e por um espectáculo itinerante.

Em 1999 surge um vasto leque de escolhas, programas que se sucediam constantemente a outros que chegavam ao fim. Tudo começou com “Tic-Tac”, um bloco matinal de desenhos animados que iam para o ar diariamente, mas logo na reestruturação de Outono cedeu o lugar para o programa “Infantaria”, que era realizado em directo nos períodos da tarde nos dias úteis e no bloco da manhã ao fim-de-semana, e que cativou a atenção do público-alvo com facilidade. O período de sucessões ainda não tinha terminado, e a “Infantaria” foi substituída pelo “Recreio do Tonecas” que tinha lugar no período da tarde (Pereira, 2007). Em comum os programas tinham a presença de crianças em estúdio e incluíam a apresentação de desenhos animados e séries, concursos, jogos e passatempos. Em 2001, a RTP perdeu o direito de exibição das séries da *Disney* e de forma a compensar a audiência infantil, introduziu um novo programa de produção externa: o “Clube Zip”. Exibido nas manhãs do fim-de-semana, o programa era preenchido por passatempos, jogos, música e pequenos concursos.

Em 2002 registam-se duas épocas distintas de programação infantil: na primeira que vai até Outubro desse ano, a programação incluía apenas “Espaço Infantil” aos fins-de-semana. Na reestruturação da grelha surgiu um bloco de desenhos animados com o nome “RTP Crianças” (Pereira, 2007).

A ausência de dados sobre a programação infantil em televisão desde 2002 até aos dias de hoje não permite fazer uma descrição e uma análise da história da programação infantil de forma consistente. Actualmente, e segundo a grelha de programação disponível no sítio da RTP, as crianças apenas têm um espaço a elas

dedicado ao fim-de-semana, que se inicia às 6h30 da manhã e termina às 8h. Este espaço de hora e meia é composto por desenhos animados.

b) RTP2

A RTP2 demorou muito tempo a chegar a todo o território português, por isso só em 1992 este canal fez uma aposta em programas infantis em dois espaços horários distintos. “O Recreio da 2” era emitido nos dias úteis no período da tarde, enquanto que “Agarra o 2” ia para o ar aos fins-de-semana ao início da tarde. Ambos os programas estavam estruturados de forma semelhante e centravam-se na transmissão de desenhos animados, séries de animação e em algumas emissões em passatempos, concursos, reportagens breves e ainda alguns convidados em estúdio (Pereira, 2007).

O programa mais significativo do segundo canal, o “Um-Dó-Li-Tá”, entrou no ar em 1993 (Pereira, 2007). Devido ao longo período de tempo que esteve no ar, teve diferentes formatos de apresentação: iniciou-se com a apresentação de dois animadores, Vera Roquette e Francisco Barbosa, sendo estes substituídos pelo par “Um-Dó” e “Li-tá”, duas molas saltitantes que tinham a forma de desenho animado e nos últimos anos em que esteve no ar foi apresentado por dois bonecos manipulados, HumHum e Benzé (Pereira, 2007). No ano de 1994 existe mais uma aposta na programação a que os espectadores mais pequenos tinham acesso e que permitia uma maior cobertura durante o dia: um bloco diário de cerca de duas horas ocupado pelos habituais bonecos animados, algumas séries estrangeiras já dobradas para português que entravam na casa dos mais novos com o título de “Escola Paraíso”. Para além destas séries também se mantiveram os produtos da casa como a “Rua Sésamo”, “Os Amigos de Gaspar”, “No tempo dos Afonsinhos” e “Um-Dó-Li-Tá”.

Em 1997 nasce o jogo virtual “Hugo”, um duende desenvolvido por computador que em cada episódio contava com a ajuda dos telespectadores via telefone: toda a movimentação do jogo era um desafio tanto para os participantes como também para quem apenas ficava sentado no sofá a torcer para que o “Hugo” conseguisse alcançar o seu objectivo.

Três anos mais tarde estreou em Portugal a série “A Loja do Noddy”, mas o verdadeiro fenómeno de sucesso aconteceu dois anos mais tarde, em 2002, quando a RTP2 transmitiu a série “Abram alas para o Noddy”, também devido às imagens em três dimensões, uma característica marcante neste programa infantil. Em 2006, ainda

relativamente a esta série, estreou mais uma temporada desta série, “Digam com o Noddy” que tinha como objectivo ajudar as crianças a aprender as primeiras palavras em inglês.

Aquando da reestruturação do canal, em 2003, a emissora entregou parte do seu horário de programação a entidades da sociedade civil, passando a denominar-se A2. Com o objectivo de harmonizar a programação, o director geral da RTP2, Jorge Wemans, optou pela criação de horários específicos para públicos específicos. Para a faixa dos 4 aos 10 anos foram estabelecidos três horários distintos. Os programas educativos de qualidade eram exibidos num período da manhã (7:00 às 14:00), noutro da tarde (16:00 às 17:00) e num terceiro nocturno (19:40 às 20:40). Para uma faixa etária mais velha, dos 8 aos 12 anos, a RTP2 criou um conjunto de conteúdos produzidos por produtores independentes.

Em 2007 a A2 voltou ao modelo abandonado quatro anos antes, retomando igualmente o nome RTP2. As alterações na grelha de programação foram introduzidas de forma gradativa, com alterações pouco significativas na programação infantil.

Da análise realizada por Borges (S/D) destacam-se os programas Kulto e PICA. O Kulto era um programa descontraído, jovem e divertido que apresentava uma característica determinante para o seu sucesso: a interacção com o público. As inovações estenderam-se ainda à página da Internet onde existia a possibilidade de comunicação com os espectadores. No magazine cultural diário PICA (Programa de Intervenção em Canal Alternativo) era abordado um conjunto de temas de interesse para os mais novos. Este programa surgiu como alternativa de qualidade às novelas infanto-juvenis exibidas à mesma hora na TVI, um canal privado.

Depois do sucesso alcançado com “Rua Sésamo” e “Jardim da Celeste” a RTP2 apresentou mais uma série de origem portuguesa “A Ilha das Cores”, que passa actualmente na emissão. A série infantil tem como objectivo divertir e ensinar o público infantil dos dois aos cinco anos, por meio de um projecto colorido, muito ritmado que recorre às técnicas mais actuais de fazer televisão, onde se misturam pessoas com bonecos manipulados e animação tradicional em 3D. O espaço infantil actualmente no segundo canal é ainda composto pelo Zig Zag, um conjunto de séries que ocupam três horários distintos: de segunda a sexta-feira, das 7h às 14h, das 17h às 18h30 e das 19h45 às 20h30. Ao sábado, a partir das 10h e até às 14h, são exibidas séries de animação.

e) SIC

Em 1994, nasceu o primeiro programa infantil produzido na estação: o “Buérééré”. Nos primeiros meses, até Novembro de 1994, o programa ia para o ar apenas os fins-de-semana passando a partir desta data a ter uma emissão regular diária. Em 1996 a mudança de produtora produziu alterações no programa e o espaço emitido ao fim-de-semana passou a denominar-se de “Super Buérééré”. A emissão, gravada com a participação das crianças em estúdio, incluía séries, rubricas fixas e convidados ligados ao mundo da música e do espectáculo (Pereira, 2007). Aproveitando o sucesso do programa, em 1996 e 1997 a SIC aumentou de forma significativa o tempo de emissão diária dirigida às crianças através da repetição do programa no bloco da manhã.

Entre 1996 e 1999, a estação de Carnaxide emitiu um bloco com séries de animação produzidas pela Nickelodean, “Rugrats”, “Ren” e “Stimpy”. Em Outubro de 1999 procederam-se a alterações na grelha do canal que se estenderam aos programas para os mais novos. Ao fim-de-semana o “Super Buérééré” foi substituído por “Zip-Zap” que transmitia séries e desenhos animados ao mesmo tempo que preenchia a emissão com jogos e crianças em estúdio.

Em 2001, a SIC começou a emitir as séries da Walt Disney criando para tal o espaço “Disney Kids”. Em Outubro do mesmo ano surge uma nova grelha infantil. Os sábados e domingos de manhã começam com “SIC a Abrir” seguida de “Disney Kids” e no final da manhã “SIC Altamente” enquanto que durante a semana a programação infantil continua a cargo de “Buérééré”. No final do Verão de 2002 a programação infantil sofreu novas alterações. O “Buérééré” semanal deixou a emissão e cedeu o lugar a “Iô-Iô”. As alterações estenderam-se ao fim-de-semana onde “SIC a Abrir” foi substituída por “Totil Total” e “SIC Altamente” por “Fun Total”. O único programa resistente foi “Disney Kids” mantendo o mesmo lugar na grelha.

Actualmente, a SIC não tem programação infantil durante a semana em nenhum horário. Aos fins-de-semana os programas para os mais novos ocupam a parte da manhã da estação. A redução deste tipo de programas na grelha do canal generalista está relacionada com o nascimento do SIC Kids, um canal no cabo integralmente dedicado às crianças.

d) TVI

O primeiro programa infantil da TVI foi “A casa do Tio Carlos”, um espaço infantil diário lançado em 1993 e que contava com crianças em estúdio e intercalava com séries de animação. Em Outono do ano seguinte criaram-se dois espaços dedicados às crianças: “A Hora do Recreio”, emitido durante todos os dias da semana, e o “Clube da Manhã”, que estava no ar aos fins-de-semana e preenchia as emissões com séries de animação.

A crise financeira em que a empresa mergulhou levou à suspensão de vários programas, entre os quais alguns infantis. “Animação” um bloco que incluía séries de animação estrangeiras, foi o único espaço infantil que permaneceu na grelha

Em 1998, já com nova direcção de programas, a lacuna dos programas infantis foi corrigida, tendo sido lançado o “Batatoon”, um programa diário. As duas horas de emissão eram preenchidas com as séries de animação intercaladas com jogos, passatempos, e brincadeiras. Em 1999 o programa infantil que tinha resistido à crise, “Animação”, saiu do ar e nas manhãs apareceu “Mix Max”. A programação manteve-se sem alterações até 2000. O que se veio a verificar na estação de Queluz foi uma repetição constante de episódios das séries disponíveis para os mais novos (Pereira, 2007). Em 2001, o programa “Batatoon” desceu significativamente nas audiências e embora o palhaço Companhia tenha deixado a estação, o programa continuou a ir para o ar no formato de repetição no período da manhã.

Em 2002 a grelha sofreu uma nova alteração desta vez mais significativa. As “Animações Infantis” voltam a ocupar o período da manhã enquanto que “Batatoon” ficou com as tardes. Em meados do mesmo ano são produzidas mais alterações de registo, sobretudo pela introdução do programa “Sempre a Abrir” ao fim-de-semana.

Actualmente, a programação infantil da TVI resume-se aos fins-de-semana e é composta por séries estrangeiras.

e) Canais por Cabo

O *Panda Club*, que mais tarde mudou a denominação para Canal Panda, surgiu em Portugal no ano de 1996, apresentando uma grelha com uma forte componente educativa e lúdica.

O canal *Cartoon Network* estreou-se em Portugal em 1997. A grelha de programação é composta por séries de animação de origem japonesa e norte-americana, sem legendas nem dobragens (Tavares, 2008).

O *Disney Channel* surgiu em 2001 e apresenta-se como um canal lúdico e educativo. Na sua grelha de programação destacam-se as séries, actividades e divulgação de programas e rubricas.

No dia 1 de Junho de 2005, Dia da Criança, foi lançado em Portugal o canal *Nickelodeon*. Com uma grelha preenchida por desenhos animados para as crianças dos 4-14 anos, o *Nickelodeon* tem a particularidade se dirigir claramente a dois públicos distintos: o pré-escolar e o escolar. O *Nickelodeon Jr.* é destinado ao público pré-escolar com desenhos animados que têm uma função pedagógica apelando à aprendizagem do Inglês e do Espanhol. As crianças em fase escolar têm à sua disposição programas mais elaborados, com conteúdos e estruturados de forma a agradar ao público-alvo (Tavares, 2008).

O *Baby Tv*⁵ surgiu em Novembro de 2005 tendo como público-alvo as crianças com idade até aos 3 anos. A programação revela uma forte aposta em dar a conhecer todo o processo de aprendizagem das tarefas diárias (Tavares, 2008).

O canal *JimJam*⁶ apresenta uma grelha com programas estruturados de forma a ensinar às crianças as primeiras lições de vida de forma positiva através da magia das séries de animação. O público-alvo deste canal (crianças do 1 aos 6 anos) tem à sua disposição uma emissão em português, 24 horas por dia.

O *Boomerang*⁷ destaca-se dos outros canais infantis no cabo por apresentar uma grelha destinada a toda a família. A grelha de programação é preenchida com séries de animação intemporais com o objectivo de mostrar às novas gerações os clássicos.

A *SIC K*⁸ é o mais recente canal infantil no cabo. Utilizando uma linguagem própria, o canal procura contribuir para o desenvolvimento da personalidade com uma programação baseada no entretenimento.

⁵Sítio *Baby Tv*. Disponível em: <http://www.babytv.com/> consultado a 5 de Maio de 2010.

⁶ Sítio *JimJam*. Disponível em: <http://www.asia.jimjam.tv/for-parents/for-parents.html> consultado a 5 de Maio de 2010.

⁷ Sítio *Boomerang*. Disponível em: http://www.cartoonnetwork.com/tv_shows/boomerang/index.html consultado a 5 de Maio de 2010

⁸ Sítio *SIC K*. Disponível em: <http://sic.sapo.pt/kapa> consultado a 5 de Maio de 2010.

f) Casos especiais

Pela sua importância na programação infanto-juvenil, há dois programas que merecem uma análise mais aprofundada: a telescola e o Rua Sésamo.

A Telescola foi criada no final do ano de 1963. O ministro da Educação, Inocêncio Galvão Teles, apresentou então um projecto que pretendia atribuir à televisão um fim educativo sob a orientação pedagógica do Ministério de Educação Nacional. No ano seguinte, logo em Janeiro, tiveram início as emissões regulares da TV Escolar e Educativa, mas foi em Outubro de 1965, aquando do início do ano lectivo, que as emissões se iniciaram formalmente.

A aposta educacional neste meio de comunicação justificou-se pelo potencial multimédia da televisão na transmissão de conhecimento e pela capacidade de chegar a qualquer lugar com um aparelho receptor. Para aumentar o impacto da Telescola, o Ministério da Educação Nacional procedeu à instalação de receptores em escolas, fábricas, Casas do Povo e outros locais de acesso comum. “O ensino da Telescola era rigorosamente programado, quer nos seus conteúdos, quer nos seus processos, tentando-se combater, por esta via, as carências de formação dos agentes de ensino” (Vidal, S/D, p.11).

A inclusão da televisão escolar e educativa na programação da RTP levou a reformulações no tempo total da emissão, pois havia a necessidade de incluir o espaço educativo sem, no entanto, reduzir o tempo que era disponibilizado para os programas de índole informativa e recreativa. No ano de 1964 foram exibidas 2.309 horas de tempo total de emissão, quase mais 300 horas do que no ano de 1963 (2.011h), resultando numa média diária de 6h30. A programação da televisão educativa totalizou 204 horas e 30 minutos um número significativamente baixo quando comparado com os programas de informação e actualidades, 547 horas e 15 minutos.

Na década de 80, o aparecimento dos videogravadores alterou a forma de transmissão da Telescola, passando nesta fase de uma emissão em directo para o ensinamento via com cassetes. Também a forma de designação do curso se alterou, passando a designar-se de Ciclo Preparatório TV e, mais tarde, Ensino Básico Mediatizado (EBM). Em Julho de 2003 terminaram as emissões.

A Rua Sésamo, o grande sucesso da RTP no campo infantil, começou em Novembro de 1989 e o entretenimento e a educação apareceram, pela primeira vez, associados numa série infantil (Ponte, 1998). Com origem norte-americana, a série destinava-se a um público em idade pré-escolar (3 e 6 anos) tendo sido a única que foi adoptada à

realidade portuguesa por uma vasta equipa de técnicos. O trabalho de produzir e realizar a série na versão portuguesa ficou a cargo de Manuel Petróneo. Através de pequenos documentários filmados no Continente, nas Ilhas e nos países africanos de expressão portuguesa, o programa procurou mostrar diferentes realidades sociais e culturais. Entre os segmentos que davam corpo à série de sucesso aparecia material de produção americana, com destaque para o bloco dos “Marretas”, que também sofreu adaptações e dobragens atendendo ao conteúdo didáctico que a RTP se obrigava a disponibilizar.

Cada episódio tinha a duração de trinta minutos e era emitido duas vezes por dia. Durante os episódios, a rua Sésamo transformava-se num espaço onde os acontecimentos se sucediam e onde os principais espaços da série, a oficina do André, a casa da Avó Chica, a livraria do Zé Maria e a loja do senhor Almiro, davam ensinamentos aos mais novos. As personagens foram um motivo de culto, com destaque para o Poupas, uma ave ingénuo muito perguntadora entendida como a porta-voz das crianças, e o Ferrão, um bicho com mudanças de humor repentinas, representando as contradições das crianças.

Segundo o coordenador-geral do projecto “Rua Sésamo” em Portugal, Manuel Petróneo, esta série foi um sucesso devido ao trabalho extremamente cuidadoso ao nível da produção, realização, cenografia, direcção de actores e dobragem, mas também pelo excelente trabalho ao nível dos conteúdos pedagógicos. Os objectivos educativos na construção de um currículo de conteúdos só foi possível devido ao conjunto de profissionais, investigadores em comunicação, profissionais da educação, psicólogos, escritores e guionistas, que se reuniram para planear e realizar a tão famosa série infantil (Ponte, 1998).

A avaliação dos efeitos que os conteúdos da série produziam nas crianças revelaram que estas aprendiam bastante e adquiriam conhecimentos em áreas diversificadas (Huston, Bickham, Lee e Wright, 2007, p. 55). Este primeiro sucesso infantil, que contou com 130 episódios, mostrou que “com recursos, tempo de preparação e talento adequados, era possível a um programa educativo de uma hora dirigido à população pré-escolar competir com êxito no mercado televisivo” (Brederode Santos, *in* Ponte, 1998, p.82). Esta série com conteúdos pedagógicos fez perceber aos produtores televisivos que é possível criar bons programas para crianças e permitiu destruir o mito da incompatibilidade que existia entre entretenimento e educação ao mesmo tempo que mostrou aos dois educadores: pais e professores que a TV não é

necessariamente nefasta nem fatalmente uma perda de tempo (Brederode Santos *in* Ponte, 1998).

3.3.2. Rádio

A programação dos meios audiovisuais é um tema muito debatido na sociedade, mas os estudos realizados incidem quase exclusivamente sobre a televisão. Torna-se, por este motivo, importante que nos detenhamos e centremos o nosso estudo na área da programação infantil radiofónica onde os estudos escasseiam.

A definição de programa radiofónico está umbilicalmente ligada aos géneros característicos deste meio, que não são mais do que programas caracterizados por terem uma continuidade na forma com regras específicas de produção. A tendência para a especialização permite diferenciar vários géneros radiofónicos: informativo (programa de carácter noticioso), musical (transmissão e contextualização de música), cultural (programa de autor ou formato de bloco onde se dá primazia aos conteúdos musicais, culturais, artísticos ou literários), desportivo (transmissão e comentários de diferentes modalidades desportivas) e especializado (maior enfoque sobre um assunto específico, tratado por uma pessoa experiente nessa mesma área) (Gallardo, 1997, *in* Ferreira, 2008).

Em Portugal não existe uma produção contínua de programas infanto-educativos na rádio e os trabalhos de investigação desenvolvidos neste meio não abordam especificamente a programação infantil radiofónica. Ribeiro (2005) realizou um estudo sobre a Emissora Nacional nos primeiros anos do Estado Novo, entre os anos de 1933 e 1945. O estudo analisa os conteúdos propagandísticos, e ao abordar os espaços informativos, culturais e de entretenimento refere a existência de programas infantis, mas não os estuda. Santos (2005) também identifica programação infantil no período de 1924 a 1939, mas não aprofunda o estudo. Apesar disso, os dois estudos permitem-nos retirar três conclusões importantes: a confirmação da existência de programas infantis desde os primeiros anos da rádio, o facto de serem maioritariamente eruditos e produzidos em cooperação com jornais da época (Ribeiro, 2005; Santos, 2005).

A história da programação radiofónica infantil em Portugal começa em 1930 por meio da emissão da Rádio Lusitânia, CTIDE: neste ano foi produzida a primeira meia hora infantil composta por “quadros da tentação do Menino Jesus, da centopeia rabeia, da lengalenga, de quadras soltas e de um recitativo, que ilustra a transferência da

narrativa da escrita para as sonoridades da rádio mas com uma grande similitude formal” (Santos, 2005, p. 277).

No ano de 1933 começaram as parcerias das rádios com os jornais infantis. No Rádio Clube Português, em 1933, surgiu *O Senhor Doutor* um programa transmitido em directo ao final da tarde de domingo, que ocupava as emissões com “as mais belas histórias, as mais engraçadas anedotas, os versos mais interessantes, enfim, tudo o que é de bom, educativo e curioso” (Santos, 2005, p. 279). Nesse mesmo ano, a Rádio Graça (CT1DR) transmitiu o primeiro *Tic Tac*, um programa com nome de publicação escrita: a transição da versão impressa para os microfones da rádio aconteceu devido aos pedidos da audiência. Aos domingos ao meio-dia, o *Tic Tac* incluía “lindas histórias, anedotas, aventuras, tudo dentro de um programa que, a pouco e pouco, iremos desvendando” (Santos, 2005, p. 284). Em Setembro de 1933 alterou-se o horário de difusão passando a emitir desde as 11h30, aos domingos, com a duração de 30 minutos. Dois anos mais tarde, em 1935, surge o *Papagaio* continuação de uma publicação com o mesmo nome. A aposta foi feita em histórias e conselhos, não fugindo às linhas editoriais dos outros programas infantis da época. O programa foi transmitido aos domingos entre as 14h e as 15h (Santos, 2005).

Para Ribeiro (2005) o programa mais significativo da época foi o *Meia Hora de Recreio* produzido também pela equipa do jornal *O Papagaio*. Os objectivos das emissões infantis eram “constituídos por conteúdos que pretendiam ser recreativos e simultaneamente educativos, fomentando uma consciência cívica e de solidariedade” (Ribeiro, 2005, p. 123). Um ano mais tarde, em 1936, o jornal a *Joaninha* cooperou na produção do espaço *Meia Hora de Recreio para Raparigas* no mesmo formato que o anterior e dirigido ao público feminino (Ribeiro, 2005, p. 124).

Dado que existem apenas estes dois estudos sobre a programação infantil, a presente investigação procura analisar os programas radiofónicos infantis produzidos nas décadas seguintes.

PARTE II
INVESTIGAÇÕES EMPÍRICAS

Capítulo 4

Metodologia

A rádio é um meio potencialmente educativo que tem sido pouco aproveitado nesta vertente (Kaplún, 2008). Apesar desse potencial, actualmente as grelhas das rádios portuguesas não contemplam espaços para o público infantil, uma situação muito diferente da que se verificava nos primeiros anos da rádio em Portugal, tal como se viu no capítulo anterior.

4.1 – Problemas de investigação e metodologia

Neste trabalho pretendemos estudar a programação infantil produzida ao longo da história da rádio em Portugal, bem como identificar as razões que estão na origem da ausência de programação infantil nas grelhas actuais. Considerando a complexidade do tema e os propósitos desta investigação, optámos por recorrer a duas metodologias: a análise de conteúdo e a entrevista.

A análise de conteúdo será utilizada para responder à primeira pergunta de investigação: **Como se estruturam os programas infantis produzidos nas rádios portuguesas e que conteúdos são mais usados?**

Dado que o número de emissões de cada programa é pouco significativo, optou-se por uma análise qualitativa com o fim de perceber a estrutura e o género dos programas. A escolha recaiu sobre este método por analisarmos um pequeno número de informações complexas e pormenorizadas que pretendem concluir a presença ou ausência de determinadas características e dos elementos constitutivos dos programas.

Considerando as diferentes formas de abordar o tema por meio da técnica da análise de conteúdo, optámos por escolher a chamada reconstituição de realidades passadas (Quivy & Campenhaut, 1998), uma vez que se pretende um “estudo do não dito, do implícito” (Quivy & Campenhaut, 1998, p. 230) com base em conteúdos que não pretendem fazer uma organização interna do discurso mas antes um conteúdo explícito.

Como instrumento de análise foi utilizada uma tabela baseada no modelo usado em estudos anteriores (Ponte, 1998; Pereira, 2007), embora com adaptações, uma vez que a tabela usada por estas autoras foi preparada para programas televisivos.

Para responder à segunda pergunta de investigação foi utilizada a técnica da entrevista. Numa perspectiva de análise interpretativa, foram efectuadas entrevistas aos directores de programação de duas rádios nacionais: a Antena 1 e a Rádio Renascença. Escolhemos a entrevista por ser, antes de mais, um método de recolha de dados que complementa a análise de conteúdo. As entrevistas permitem reunir informações e elementos de reflexão muito ricos e matizados que advêm do contacto directo entre o investigador e os seus interlocutores (Quivy & Campenhaut, 1998). O conteúdo da entrevista, entendido como interpretações das experiências de cada entrevistado ao longo do seu percurso profissional, permitem ser um método de recolha de informações que possibilita responder à nossa segunda pergunta de investigação. **Porque razão os programas infantis desapareceram das grelhas das rádios portuguesas?**

A entrevista semi-directiva (ou semi-estruturada) foi a variante escolhida por não ser nem inteiramente aberta nem encaminhada por um número de perguntas precisas e rígidas que não permitem ao entrevistado abordar mais nenhuma área da temática (Quivy & Campenhaut, 1998). A escolha deste modelo de entrevista permite um grau de profundidade dos elementos de análise e, graças à sua flexibilidade, uma recolha de testemunhos e interpretações dos agentes envolvidos, neste caso, os responsáveis pela programação da rádio em Portugal.

4.2 Corpus de Análise

Para delimitar o objecto de estudo foram consideradas três variáveis: faixa etária, selecção e género de programa.

A definição da faixa etária era importante porque não existe um intervalo de idades para a infância que seja utilizado universalmente. Assim, optámos por definir como público-alvo o grupo das crianças que frequentam o primeiro ciclo, ou seja, entre os 5 e os 10 anos. Tal como explicámos aquando do primeiro capítulo, é nestas idades que as crianças têm uma maior oportunidade para manipular e experienciar os objectos e materiais.

A selecção dos programas infantis foi feita mediante a listagem de fonogramas cedida pelo arquivo da Antena 1. Foram escolhidos programas periódicos, ou seja, programas que se repetiram em períodos iguais, o que sugere a continuidade de um determinado modelo. Com base neste critério identificámos apenas quatro programas: Emissão Infantil, Ensaio Geral, Meia Hora de Recreio e Tempo de Teatro. Dado que

nem todas as cópias em formato áudio estavam em boas condições técnicas, optou-se por estudar a primeira e a última emissão de cada programa para identificar eventuais alterações no formato.

4.3 Procedimentos

4.3.1 - Grelha de análise

Tal como foi referido anteriormente, para a análise dos programas foi usada uma grelha baseada nas propostas feitas por Ponte (1998) e Pereira, (2007), embora com as devidas adaptações pois, nestes dois casos, eram grelhas para análise de programação televisiva e não incluíam algumas variáveis específicas para rádio.

A grelha foi dividida em cinco temáticas principais: estrutura do programa, conteúdo, ritmo do programa, género e equipa. A tabela organizada segundo estas temáticas procurava perceber o tipo de produção e realização do programa.

Na estrutura do programa foram considerados dois elementos: genérico específico para a emissão e separadores para distinguir os vários momentos do programa.

Na vertente do conteúdo foram consideradas as temáticas abordadas durante o ensino básico: matemática, estudo do meio, língua portuguesa, línguas, alimentação, desporto, higiene, relacionamento, música e valores. Este último parâmetro remete para uma segunda explicação por ser um conceito amplo e por apresentar vários valores a considerar na análise do programa. No âmbito da pedagogia, um valor está relacionado com a existência da própria pessoa, afecta a sua conduta, configura, modela as ideias e condiciona os sentimentos (Carreras et al, 2002). Os mesmos autores defendem que um valor deve ser entendido como algo dinâmico que é interiorizado ao longo do processo de socialização e por conseguinte passível de se alterar. A grelha utilizada procurou identificar em cada programa a transmissão dos valores: responsabilidade, sinceridade, confiança, criatividade, amizade, respeito, justiça, cooperação e partilha, seguindo para isso as definições usadas por estes autores.

- a) Responsabilidade: a obrigação de dar uma resposta ou cumprir um trabalho sem pressão externa alguma.
- b) Sinceridade: capacidade de expressar-se sem fingimento, com sensatez e veracidade, por outras palavras, isenta de hipocrisia e simulação.

- c) Confiança: manifesta-se quando a pessoa se sente respeitada, compreendida, acolhida no contexto de uma relação dialogante e respeitosa.
- d) Criatividade: traduz-se pela expressividade, gosto por descobrir o desconhecido e possuir a habilidade de aceitar e integrar o contrário.
- e) Amizade: afecto pessoal puro e desinteressado, normalmente recíproco que nasce e se fortalece com o passar do tempo.
- f) Respeito: consideração e atenção que se deve a uma pessoa através do reconhecimento dos direitos e dignidade do outro.
- g) Justiça: remete sempre para uma outra pessoa a quem se deve respeitar, por meio da virtude de equidade, da medida, da igualdade e da ordem.
- h) Cooperação: acção que se realiza juntamente com outra pessoa ou grupo para conseguir o mesmo fim, que, normalmente, beneficia não só o indivíduo mas o conjunto de pessoas que realizam a acção.
- i) Partilha: acto de participação mútua em algo, seja material ou imaterial.

O ritmo do programa é uma variável importante na rádio porque a eficácia deste meio depende do uso dos elementos expressivos (Ortiz & Marchamalo, 1997). Considerando o público-alvo, é fundamental que os programas sejam estimulantes e acessíveis, usando correctamente a dicção e a velocidade. Se um programa com um ritmo lento pode levar a criança a desinteressar-se por não se sentir estimulada, um outro com um ritmo muito acelerado pode impossibilitar a sua compreensão, pelo que o ritmo é um elemento fundamental em rádio (Ortiz & Marchamalo, 1997).

O campo dos géneros em que podem ser enquadrados os programas infantis obriga a uma análise pormenorizada. Partindo do pressuposto de que não existe qualquer estudo que nos permita fazer uma divisão objectiva dos programas infantis em rádio, vamos usar como base a tipologia de programas televisivos previamente estabelecida por Ponte (1998) e Pereira (2007), com as devidas alterações para a rádio. Desta forma, considerando as características do meio e os estudos referidos anteriormente, podemos destacar seis géneros: recreativo ou de entretenimento, histórias, musical, informativo, magazine animado, programa de teatro.

a) Recreativo ou de entretenimento: englobam os concursos, números musicais, relatos de actividades desenvolvidas ao ar livre, curiosidades relacionadas com geografia, música, culinária, etc.

b) Histórias: momentos de conto ou a possibilidade de recontar histórias.

- c) Musical: transmite e contextualiza as músicas e artistas da preferência dos ouvintes.
- d) Informação: espaço onde o mundo dos adultos é explicado por meio de uma linguagem simplificada
- e) Magazine animado: inclui vários formatos, expõe e explica vários tipos de conteúdos. Nesta categoria consideramos os programas que têm conteúdos e objectivos assumidamente educativos e didácticos, como a apresentação da agenda cultural adequada ao público-alvo.
- f) Programas de teatro: transmissão de uma peça de teatro infantil.

Por fim analisámos ainda a equipa responsável pela produção e realização do programa radiofónico. Para além do locutor, procurou-se identificar a participação de outros actores como educadores, psicólogos, etc.

4.3.2 - Entrevistas

As entrevistas foram realizadas de forma pessoal, a 19 de Maio de 2010, a dois directores de rádios nacionais: Rui Pêgo, director de programação da Antena 1, e Nelson Ribeiro, director de programação da Rádio Renascença. O objectivo era perceber as razões que justificam a ausência de programação infantil nas rádios em Portugal.

Para o efeito foi preparada uma entrevista que segue como linha condutora o pressuposto de que a ausência de programação infantil na rádio em Portugal se prende com a alteração da sociedade. Assim, as perguntas centrais da entrevista foram dirigidas no sentido de perceber os fundamentos que justificam a ausência de programação infantil na rádio, tanto na versão hertziana como na web, até que ponto essa ausência de programação leva ao afastamento do público para outros meios de comunicação e por último, de um modo geral, perceber de que forma a Internet pode ser um meio complementar, ao invés de ser apenas mais um motivo que justifica o seu desaparecimento.

Capítulo 5

Resultados e Discussão

Na primeira parte do trabalho empírico são analisadas as estruturas de alguns dos programas mais marcantes na história das rádios nacionais portuguesas. Para isso foi usada uma listagem cedida pela Antena 1.

Num segundo momento, analisam-se as gravações de duas edições de programas realizados pela Antena 1, única rádio generalista de cobertura nacional que disponibiliza os seus arquivos para investigação. Para além de uma descrição do programa foi ainda efectuada uma análise crítica dos conteúdos dos programas, das temáticas e da estrutura.

A terceira parte é constituída pelas entrevistas aos directores de duas rádios, momento em que se procurou responder a dúvidas relacionadas com a revisão teórica ou com os dados apurados na análise dos programas.

5.1 – Rádio para crianças em Portugal

A ausência de outras fontes de informação obrigou-nos a depender exclusivamente da listagem de arquivos cedida pela Antena 1 e, portanto, todas as datas aqui apresentadas são extraídas da mesma listagem⁹.

Embora na listagem cedida pela Antena 1 surja erradamente datado de 1 de Janeiro de 1900, a *Emissão Infantil* terá nascido em 1935¹⁰. O programa apresentava em cada emissão uma história que poderia terminar nessa mesma emissão ou continuar na seguinte.

Anos mais tarde, em Janeiro de 1950, a Emissora Nacional emitia pela primeira vez as *Lições do Menino Tonecas*. Os estúdios eram transformados em salas de aula onde o menino Tonecas aprendia os conteúdos do programa escolar em vigor. Com este programa, onde o humor se misturava com os conteúdos escolares, as crianças tinham a oportunidade de aprender ou rever as matérias que tinham sido leccionadas na sala de aula.

⁹ A listagem de arquivos ficará disponível no cd que acompanhará a dissertação.

¹⁰ Cruzamento de várias fontes com a análise dos conteúdos

Ainda em 1950 nasceu o *Ensaio Geral*, um programa que será analisado detalhadamente mais à frente.

O *Parque Infantil* nasceu em 1954. Preenchido com histórias, este programa teve um patrocínio publicitário, algo que aconteceu pela primeira vez., mas o programa teve apenas duas emissões.

Em 1957 começou uma tradição que se repetiu durante vários anos: a leitura de um conto no dia de Natal. No primeiro ano foi lido o *Encontro com o Pai Natal*.

A década de 60 inicia-se com um novo programa na Emissora Nacional, o *Continental*, uma história infantil de origem ibérica adaptada por João de Barros acompanhada pela música de Radamés Gnattali.

Em Janeiro de 1970 começaram as emissões de *Zás Catrapás*, um programa composto pela leitura de contos infantis, canções e entrevistas a crianças. No ano seguinte realizou-se um programa integrado nas comemorações do dia mundial da criança, *Teatro Infantil*, mas, mais uma vez, há registo de apenas uma emissão.

Em 1977, a Rádio Difusão Portuguesa (RDP) produziu uma emissão única do programa *A Criança*. Dedicado ao público infantil, este programa pretendia ser uma fonte de entretenimento para as crianças.

Em 1979 nasceu o *Tempo de Teatro*, um programa que tinha como objectivo retomar o sucesso do já referido *Ensaio Geral*. Este programa, com emissões de carácter não regular até 1996, vai ser analisado detalhadamente do capítulo seguinte, e pretendia fazer ouvir o teatro na rádio. Em cada emissão o público infantil tinha à sua disposição uma peça ou conto infantil.

Por se tratar de uma apresentação cronológica, inserimos aqui a informação de um programa da Rádio Renascença que foi identificado durante a entrevista a Nelson Ribeiro. Nas décadas de 80 e 90 do século passado, a Renascença emitiu *A Rádio da Malta*, um programa semanal ao sábado à hora de almoço, entre as 13h e as 15h. Os conteúdos das emissões eram preenchidos com a leitura de textos e passatempos.

Em 1984 foram emitidos os programas *Estrela Polar* e *Os quês e os Porquês*, programas que apenas tiveram uma emissão. O primeiro era preenchido com a leitura de textos alusivos às comemorações do décimo aniversário da Revolução dos Cravos escritos por crianças dos 7 aos 12 anos. O segundo programa incluía a leitura de um conto de Hans Christian Anderson e ainda uma entrevista alusiva à criação de fantasias durante o período de desenvolvimento da criança.

Os programas infantis emitidos na RDP nos anos seguintes são emissões comemorativas, sobretudo no Dia Mundial da Criança, *Contraste* (1988, 19 minutos), *Reflexos* (1995, 30 minutos) e *Jogo Aberto* (1995, 40 minutos).

No ano em que terminaram as emissões de *Tempo de Teatro*, em 1996, surgiu um programa infantil que tinha como finalidade dar voz às crianças: o *Filosofando*, que apenas teve uma emissão.

Em 1998 nasceu o *Culto*, um programa composto por uma agenda cultural, entrevistas e ainda textos sobre a literatura infantil.

No início do novo milénio, em 2000, surgiu o *À esquina do mundo*, um programa que divulgava a literatura infantil, apostando na leitura da poesia infantil e excertos de livros.

No Natal de 2001, a RDP emitiu um conjunto de programas com histórias alusivas à época e mensagens natalícias ditas pelas próprias crianças.

Em 2002 foi emitido um programa, cujo nome não consta na ficha cedida pela RDP, mas que durante mais de uma hora apresentou histórias infantis com a participação das crianças. Ainda no mesmo ano surgiu *Teatro Imaginário* onde se transmitiu a peça da obra de Sophia de Mello *A Fada Oriana*.

Actualmente, a Antena 1 emite um programa de curta duração que tem como objectivo tocar todo o núcleo familiar. O *Portugal dos Pequeninos* pretende mostrar o que as crianças sabem do mundo dos adultos e está no ar desde Novembro de 2009.

5.2 – Análise dos programas

a) Emissão Infantil

A *Emissão Infantil* foi um dos primeiros programas radiofónicos portugueses destinados ao público infantil. A primeira emissão está datada Antena 1, de Janeiro de 1900 com a história da “Primeira Aventura dos Sete”, tendo a duração total de 4 minutos. Confirmámos que a referida data não está correcta, mas não conseguimos saber a data em que este programa foi emitido pela primeira vez. O programa teve sete emissões, a última das quais datada de Outubro de 1973: o seu conteúdo é a história das “Amêndoas do Padrinho Pascoal” que teve a duração de 27 minutos. Foi ainda analisada a emissão de Janeiro de 1965, com a história do “Canário Cor de Limão e o Vizinho Tentilhão” com um total de 25 minutos.

Estrutura do programa

O programa não tem um genérico de abertura. Ao longo do programa existem alguns separadores musicais e a condução do programa é efectuada por uma mulher.

Conteúdos

Da lista de conteúdos que apresentámos inicialmente regista-se a presença de três: relacionamento, a música e os valores.

O primeiro conteúdo, o relacionamento, é explorado por abordar a questão da amizade no sentido de que é a amizade entre as personagens que permite partilhar experiências e desvendar mistérios, trocar experiências e criar laços e cumplicidades.

A música tem um papel preponderante na história e as canções são interpretadas por um trio vocal infantil. A variedade de pormenores sonoros permitem atribuir um maior significado ao momento.

A lista de valores regista a presença de oito dos que foram identificados na revisão teórica. Devido à grande amplitude do conceito, a responsabilidade surge em ambas as emissões ainda que cada uma com objectivos diferentes. Na primeira história existe uma forte aposta em mostrar às crianças formas de evitar a passividade, incentivando na procura de soluções. Na segunda história fomenta-se o optimismo e a procura de soluções. Os programas revelam uma forte aposta no valor da sinceridade por meio de exemplos que estimulam as crianças a dizerem sempre a verdade. No caso deste programa é de salientar o exemplo da primeira emissão onde um grupo de sete amigos ajuda a polícia a descobrir a verdade sobre o roubo das jóias.

A confiança não é um valor muito abordado na *Emissão Infantil*. A análise permitiu concluir que a sua presença apenas se verifica numa das emissões, traduzindo-se na atitude dos “sete amigos” em relação ao roubo. Os protagonistas, nesta história também crianças, são para os ouvintes um exemplo de confiança.

A criatividade é um valor difícil de enquadrar num programa radiofónico. Na *Emissão Infantil*, é parcialmente abordada no sentido de que é estimulada a imaginação dos ouvintes por meio dos pormenores visuais que são dados ao longo de toda a emissão, mas somente neste sentido.

Sendo um programa que aposta na história para dar forma às emissões, verifica-se a valorização da amizade entre as personagens.

As emissões estudadas permitem verificar que o valor de respeito foi uma forte aposta, mostrando a necessidade de se aceitar a diversidade. A convivência, um dos

pilares deste valor, é também abordado porque em ambas as emissões existe um grupo de amigos que partilham aventuras, jogos e segredos.

Considerando os argumentos dos programas analisados podemos concluir que partilhar é um valor que se repete e ao qual é dado um grande destaque. Assim como o de cooperação. Por meio das histórias é ensinado aos mais novos que no dia-a-dia devem ser partilhadas ideias com o restante grupo pois só seguindo este caminho é possível encontrar soluções para os problemas.

Ritmo do programa

Consideramos que estes programas têm um ritmo normal, na medida em que permitem compreender a história com facilidade: a velocidade de locução é simultaneamente estimulante pelas entoações e pausas que são feitas ao longo da história.

Género

Com as emissões transformadas na hora do conto compreende-se que o género dominante seja a história.

Equipa

No que diz respeito à equipa que colabora nos programas identificámos o locutor e as crianças. Em todas as emissões existe um locutor que apresenta as personagens e narra a história que preenche o programa. As crianças têm uma participação diferente nas duas emissões que analisámos, sendo que na primeira fazem parte de um grupo de sete crianças que dão voz aos sete enquanto na segunda a participação das crianças é feita mediante a entoação de canções alusivas ao tema da história pelo trio vocal infantil.

Análise crítica

O cuidado na produção do programa é significativo e revelador de um trabalho pensado e ponderado. Sendo um meio que vive exclusivamente do som, música e silêncio torna-se necessário destacar a preocupação em tornar as histórias apresentadas mais estimulantes aos mais novos, neste caso por meio das vozes das diferentes personagens. A situação verifica-se nas duas emissões o que faz com que, em ambas as histórias, seja possível as crianças distinguirem as personagens sem ser necessário anunciá-las.

A *Emissão Infantil* ficou conhecida junto do público-alvo por disponibilizar a apresentação do programa e da história o final de cada emissão, facultando todos os

elementos bibliográficos à disposição. Da primeira para a última emissão disponível nota-se ainda a evolução do programa nos campos da descrição e da moral da história apresentada pelo locutor. Entendemos este final de programa como a possibilidade das crianças reterem um conteúdo importante, entenderem o verdadeiro sentido e objectivo da história. Na moral da história é usada uma linguagem simples, acessível e sem tom de reprovação para que o público não se sinta atingido directamente, como se constata neste exemplo: “as crianças muitas vezes só desejam o que é dos outros e não sabem aproveitar e dar valor ao que têm” (final da emissão de Janeiro de 1965).

A análise do programa permitiu concluir que não existia uma aposta na interacção com o público-alvo, nem directamente com crianças em estúdio nem através da participação dos ouvintes via telefone ou carta. Podemos ainda verificar um défice de complementaridade em relação ao ensino escolar, por não existir uma preocupação em transmitir os conteúdos leccionados no sistema.

b) Ensaio Geral

Ensaio Geral foi um programa da Emissora Nacional que pretendia dar aos mais novos a possibilidade de ir ao teatro sem terem a necessidade de sair de casa. A primeira peça de teatro foi para o ar em Janeiro de 1950 com o nome “Não Clarim sim Clarão” com a duração de 18 minutos. Durante sete anos foram exibidas sete peças infantis, sendo a última em Abril de 1957 onde se desvendou “O mistério da fábrica de chocolate”, uma peça com uma duração de 15 minutos.

Estrutura

No espaço de sete anos, entre 1950 e 1957, registámos alterações significativas em várias categorias analisadas. Inicialmente o programa começava com um genérico musical mas na última emissão já abre e fecha o programa, incluindo ainda o nome do programa. Comum às duas emissões é a ausência dos separadores que permitem dividir espaços dentro do programa.

Tratando-se de um suplemento de teatro, é compreensível a participação de pessoas famosas ao longo da emissão. Tal como no programa anterior, no Ensaio Geral também não existe um incentivo à participação dos ouvintes.

Conteúdo

Os destaques de conteúdo centram-se nas categorias do relacionamento e dos valores. No primeiro caso, que remete para o relacionamento, existe um constante

incentivo à amizade entre os amigos, irmãos e familiares que baseada na cumplicidade e na troca de experiências pode sair sempre reforçada. Ao longo das emissões regista-se a ausência de um valor, o da justiça, pois as peças de teatro, ainda que de teor educativo, não estabelecem uma relação directa com este valor. A sinceridade também não é um valor abordado.

O conceito de responsabilidade é abordado pelo seu oposto, a irresponsabilidade, que é explicada aos mais pequenos através das consequências que podem advir dos gestos e acções que não são pensados.

A criatividade é destacada nos pormenores descritos quer pelos separadores quer pelos efeitos sonoros que são dados ao longo das emissões. O estímulo da imaginação é dado através da fantasia e da curiosidade que é implementada nas crianças para tentarem adivinhar qual será o final da história, que em programa algum é terminada.

A aposta no valor de amizade é constante e produzido por meio do relacionamento entre as personagens de todas as peças que foram alvo de análise, traduzindo desta forma a importância da amizade e das relações pessoais na vida social das crianças.

A cooperação não é um valor destacado nas emissões mas está presente sempre que se fala em cooperação e observação da necessidade de ajudar os outros e manter uma boa convivência.

O valor da partilha é explicado por meio da sua definição, ou seja, existe uma cooperação entre as personagens para levar a cabo uma actividade com melhores resultados. Por outro lado, existe também a sua explicação através do seu oposto, como acontece na primeira história onde as personagens não partilham as mesmas ideias mas existe um respeito mútuo.

Ritmo do programa

O ritmo do programa permitiu concluir que neste campo não se procederam a grandes alterações da primeira para a última emissão. Os dois programas apresentam-se com um ritmo normal que tem a finalidade de dar aos mais novos a possibilidade de entenderem sem dificuldade todos os conteúdos abordados. A opção por este ritmo justifica-se pelo sucesso de emissões anteriores de programas infantis.

Género

O *Ensaio Geral* foi desenhado segundo o modelo tradicional da história, por se revelar um modelo mais fácil de executar na época. Ainda no campo das categorias devemos considerar uma segunda estrutura a de teatro por pretender dar a conhecer as

peças que existem para os mais novos, contando as histórias como se num teatro estivessem.

Equipa

A equipa que produz e realiza os programas de teatro da Emissora Nacional pode ser dividida em dois: o locutor e a equipa de actores. O primeiro, o locutor, faz a ponte entre a emissão em estúdio e o “palco do teatro” anunciando o que vai acontecer. No final da emissão o locutor é também aquele que entrevista o actor principal da peça. Tratando-se de um programa que pretende divulgar a cultura artística do país, sobretudo a teatral, é de destacar a presença de actores que encenam a peça e que dão vida às personagens da história. A presença de actores no elenco apresenta-se com uma dupla vantagem, primeiro ajuda as crianças a distinguir as personagens mais facilmente e segundo entusiasma-as a seguir o programa de forma estimulante. Neste campo regista-se mais uma vez a ausência de outros participantes, como os pais e educadores de infância.

Análise crítica

O *Ensaio Geral* pretendia dar aos ouvintes a oportunidade de ir ao teatro sem sair de casa. A apresentação de excertos de peças infantis pretendia cativar o público-alvo, que desta forma ouvia a primeira parte da história na rádio e assistia ao final da peça no teatro, conseguindo assim divulgar os acontecimentos de teatro tal como é referido no descritor: “não tem função crítica nem publicitária mas pretende desinteressadamente divulgar os acontecimentos de teatro” (emissões de Janeiro de 1950 e Abril de 1957).

A produção do programa era exigente: as emissões eram preenchidas com excertos de peças e para tal a produção deslocava-se ao teatro onde a peça estava em cena para recolher o material para a emissão. A não participação dos ouvintes revela mais uma vez falta de preocupação em saber o que o público pretendia ouvir, acrescentar ou alterar no programa.

Na história “Não Clarim, Sim Clarão”, peça de teatro que preenche a primeira emissão de *Ensaio Geral*, o locutor termina a emissão deixando aos ouvintes uma moral da história em forma de questão: “Que resposta podemos dar a uma pergunta antes mesmo de ser feita?”.

As emissões em analisadas são ricas em elementos didácticos, uma vez que os contos apostam em conteúdos pedagógicos. A linguagem é excessivamente formal para o

público a que se destina, com vocábulos demasiado complexos, um factor que pode contribuir para a dispersão dos ouvintes.

O *Ensaio Geral* não apostou numa relação escola-*media*, por ser um programa cuja finalidade era promover o teatro junto do público infantil.

c) **Meia Hora de Recreio**

A *Meia Hora de Recreio* esteve na Emissora Nacional durante treze anos. “A menina sem nome” foi a história escolhida para iniciar as emissões deste programa em Janeiro de 1960, e teve a duração de 22 minutos. A última emissão de recreio infantil foi para o ar com “A Esperteza da Pintadinha”, em Outubro de 1973, com uma duração de 24 minutos. Existe uma discrepância nas datas apresentadas pela listagem de arquivos da Antena 1 e a bibliografia, Ribeiro (2005) coloca a primeira emissão no ano de 1935. Este autor descreve o programa como um espaço infantil de rádio que resulta de uma parceria com o jornal *O Papagaio*, sendo que as emissões eram baseadas nas edições deste mesmo jornal.

Estrutura

O programa tem um genérico e diversos separadores musicais que criam e dividem os diferentes momentos da história.

Conteúdo

O conteúdo destas emissões aborda várias áreas, mas existe um empenho maior explícito em duas que se prendem com o relacionamento e os valores que norteiam as emissões. No primeiro programa, “A menina sem nome”, os autores procuram levar as crianças a viajar para um continente diferente do seu. A questão do relacionamento entre o grupo e os familiares é mais uma vez o mote principal, destacando-se neste caso a amizade e o companheirismo entre os amigos. Existe um défice de outros conteúdos que poderiam ser utilizados sem necessidade de alterar a linha do programa.

No que diz respeito aos valores, registámos a presença de todos eles, excepto o da justiça devido às histórias escolhidas para preencher os programas.

A responsabilidade é explicada de duas maneiras distintas mas que podem ser entendidas como complementares: através de exemplos que mostram a importância deste valor no dia-a-dia das crianças e mostrando as consequências da irresponsabilidade e como estas podem afectar o quotidiano.

No caso deste programa, a sinceridade é um valor abordado ao longo de todas as emissões. Para tal existe um diálogo entre as personagens com o objectivo de mostrar que mentir não é solução e que as acções do quotidiano devem estar assentes na sensatez e na veracidade das atitudes.

A tolerância, assim como a compreensão, são abordadas nas emissões com o intuito de fazer perceber aos mais novos que todas as relações sociais estão dependentes da confiança e da capacidade que cada um tem para preservar o relacionamento com os outros.

Embora exista uma referência aos pormenores dos cenários onde decorrem as histórias, não existe uma real aposta no valor da criatividade. Desta forma, a imaginação das crianças, e conseqüentemente a sua capacidade criativa, ficam limitadas e aquém do que poderiam imaginar.

O afecto, a generosidade e a sinceridade entre as personagens permite concluir que houve uma forte aposta no valor da amizade. O relacionamento entre as personagens juntamente com as dificuldades que advêm desse mesmo relacionamento permite concluir que os autores deste programa pretenderam realizar uma forte aposta nas relações sociais.

O valor de respeito é abordado sempre da mesma forma ao longo das emissões: as histórias contadas possibilitam às crianças a compreensão de que diariamente, devem reconhecer os direitos e a dignidade dos outros assim como devem aceitar a diversidade cultural. A cooperação e a partilha não são valores muito destacados.

Ritmo do programa

A análise dos programas permitiu concluir que o ritmo do programa é normal, logo a locução, a dicção e a velocidade são feitas de forma pausada para que as crianças possam acompanhar sem dificuldade o programa.

Género

O género dominante é a história, preenchendo as emissões desde o início até ao final do programa. As temáticas abordadas pelas histórias que são contadas ao longo das emissões pretendem apelar à consciência dos mais pequenos pela forma didáctica como são interpretadas.

Equipa

A equipa é composta pelos locutores que têm o papel de anunciar o que se passa durante a emissão ao mesmo tempo que narram e dão vida às personagens da história.

No caso deste programa específico regista-se, mais uma vez, a ausência de actores e crianças, assim como de professores e psicólogos.

Análise crítica

O *Meia Hora de Recreio* foi um programa semanal da Emissora Nacional que pretendia fomentar a consciência crítica dos pequenos cidadãos de uma forma educativa, recreativa e divertida. Para conseguir alcançar estes objectivos, as emissões fizeram uma forte aposta em conteúdos educativos, apresentando histórias de teor pedagógico por meio de exemplos de situações possíveis a enquadrar no quotidiano das crianças.

O início dos programas apresenta-se com a contextualização e descrição da história que será tratada ao longo da emissão com o fim de integrar as crianças. Do primeiro para o último programa regista-se uma alteração no final da emissão, com a inclusão da moral do conto. Na emissão onde se conta a “Esperteza da Pintadinha” a emissão termina com uma moral da história onde o locutor explica às crianças que o tempo perdido já não se recupera mais e portanto deve ser aproveitado de forma consciente e cuidado.

A produção dos programas apresenta algumas lacunas importantes de serem analisadas. A equipa resume-se aos locutores que dão vida às personagens dos diferentes elementos das histórias.

Neste caso existe um espaço de interacção, com os ouvintes a poderem enviar as suas sugestões e críticas para o correio do jornal que deu origem ao programa.

O género dominante do programa é a história acompanhada por música que ocupa as emissões. Devem ser destacados os separadores musicais ao longo das emissões com o intuito de dividir espaços e, ainda, a linguagem simples.

As histórias, aqui entendidas como a sua temática, estimulam a imaginação das crianças quer por meio dos separadores e das músicas, como referimos anteriormente, quer pelo conteúdo das histórias por serem situações que as crianças podem transpor para a realidade do seu quotidiano com facilidade. Não foram identificadas marcas de que a produção procurasse fazer uma aproximação dos conteúdos às matérias escolares.

Considerando o espaço temporal em que o programa foi emitido, seria de esperar uma maior lista de conteúdos didácticos assim como a aposta em diversos géneros que permitissem um maior entrosamento de conteúdos.

d) Tempo de Teatro

O *Tempo de Teatro*, da RDP, é mais um programa sobre teatro infantil. Desde Março de 1979, data em que surgiu com a peça “Quando eu for grande” com a duração de 30 minutos, o programa teve quatro emissões, com a peça sendo “Aos domingos ao fim da tarde”, em 1990, com 25 minutos, a ser a última emissão.

Estrutura

O programa tem um genérico de abertura e música de fundo mantém-se ao longo da emissão. Em ambas as emissões regista-se a participação de pessoas famosas no elenco, mas não existe um incentivo à participação dos ouvintes que lhes poderia conferir um maior interesse pelo programa.

Conteúdo

Os conteúdos abordados desde a primeira até à última emissão centram-se no relacionamento entre os colegas de escola, registando-se ainda que todos os valores são abordados.

Ao longo do programa existe uma consciencialização das personagens da história em relação ao futuro e às profissões que pretendem desempenhar. A escolha é justificada num sentido de responsabilidade individual, ponderando a sua profissão no grupo social onde estão inseridos.

Enquanto valor, a sinceridade está presente nas duas emissões analisadas por ter a capacidade de estimular a verdade entre os companheiros e entre os amigos. O desenvolvimento deste valor ao longo das emissões permite ajudar as crianças a estabelecer as relações interpessoais nos diferentes sistemas em que estão inseridas: familiar e escolar.

A confiança é um valor abordado por meio da tolerância, da compreensão e da confiança. Apoiando-se em emissões onde o género central é a história, verifica-se a presença de uma confiança total entre as personagens.

A criatividade não é um dos valores mais evidentes na história. Regista-se a sua presença mas não é muito rica em pormenores visuais e desde logo a imaginação de cada ouvinte fica limitada.

A amizade é o valor que está mais presente ao longo das emissões devido ao empenho que existe no desenvolver do relacionamento entre colegas.

Abordado de vários ângulos, o respeito é inculcado nos mais novos por exemplos distintos. O respeito pelas profissões futuras, pelos gostos actuais de cada criança, as crenças de cada um assim como pela amizade que mantém uns pelos outros que se revela o exemplo perfeito do respeito pela diversidade.

Sendo um valor crucial, a justiça é também um dos valores mais destacados ao longo das emissões. Para tal, os autores recorrem a exemplos com os quais o público-alvo se pode identificar com facilidade como são o caso da aceitação pelas normas sociais, o respeito pelos colegas e pelas suas escolhas.

Vivendo num mundo de mudanças é importante que se mostre às crianças que, embora possam existir diferenças culturais entre os indivíduos, é possível a cooperação entre as crianças, o que se verifica nas emissões deste programa.

As histórias que se contam ao longo das emissões “obrigam” as personagens a resolver problemas que vão surgindo. Este exemplo incute nas crianças a necessidade da capacidade de resolução de problemas nem que para tal seja necessário partilhar ideias com as demais.

Ritmo do programa

O ritmo pode ser considerado normal, a locução, dicção e a velocidade a que são explicados os conteúdos didácticos permitem aos ouvintes acompanhar a emissão e os conteúdos sem dificuldade.

Género

O género é principalmente a história, embora o programa se apresente como *Tempo de Teatro*. As emissões são desenvolvidas em torno de uma história que é encenada por várias personagens.

Equipa

Na equipa deste programa existe o locutor, as crianças e os actores. O locutor tem experiência e a sabedoria necessária para conduzir uma emissão, as crianças geram um maior grau de empatia com o público-alvo e os actores tornam as histórias estimulantes pela sua capacidade de dar corpo às personagens da história.

Análise crítica

Aquando da sua criação, o objectivo do programa era dar às crianças a oportunidade de reflectirem sobre diferentes temáticas pedagógicas tendo como base uma história. As temáticas são bastantes diversificadas, passando pelo relacionamento, a amizade, a família ou a profissão que pretendem seguir. A aposta forte na área da

temática não se estendeu, no entanto, a uma variedade de géneros pois, mais uma vez, o género dominante é a história.

Tal como se verificou noutros programas infantis, a equipa é reduzida, sendo composta por crianças, locutores e actores, cada um com uma função própria dentro do programa. A participação de diferentes intervenientes ao longo das emissões permite completá-la e dar vida aos acontecimentos, tornando os contos muito mais interessantes e estimulantes para o público infantil.

No geral, o programa potencia o desenvolvimento da criança ainda que apenas no que diz respeito às capacidades cognitivas e emocionais produzidas pelo desenvolvimento do imaginário infantil. Embora exista uma preocupação em adequar o programa ao quotidiano das crianças, regista-se a ausência de conteúdos que estimulem a relação *media*-escola. A componente educativa centrada sobretudo no relacionamento interpessoal entre as crianças e os adultos não se estende aos conteúdos escolares como a matemática, o estudo do meio e as línguas possíveis de abordar num programa de rádio. O *Tempo de Teatro* foi o único programa que procurou oferecer um conjunto variado de valores ao longo das suas emissões.

5.3 - Análise das entrevistas

A programação radiofónica actual está assente em critérios estritamente comerciais, o que condiciona a oferta de programas temáticos. Porém, a recente emergência da Internet veio criar um conjunto de novas oportunidades para a rádio. Com a emissão hertziana em dificuldades para concorrer com a televisão, a convergência com a Internet poderá ser uma solução para a rádio recuperar um lugar de destaque no ecossistema mediático. Para além de procurar respostas para a reduzida aposta em programas infantis, as entrevistas a responsáveis por rádios nacionais pretendia saber de que forma poderá este meio alavancar novos programas usando como suporte a Internet. Os directores de programação Rui Pêgo, da Antena 1, e Nelson Ribeiro, da Rádio Renascença, foram entrevistados nas instalações das respectivas rádios no dia 19 de Maio de 2010.

O aparecimento da televisão é apontado como um dos factores que levou ao desaparecimento dos programas infantis da rádio. Para Rui Pêgo “a televisão veio a ocupar muito do espaço e da programação tradicional da rádio, conquistando os públicos com a imagem (...). No confronto entre som e imagem admito, até porque a realidade me obriga a

admitir isso mesmo, as crianças preferem a imagem”. Para Nelson Ribeiro o problema não está na dicotomia som/imagem, mas nas grelhas de programação: “o público está cada vez mais segmentado (...) as rádios especializaram-se em públicos específicos e quando isso acontece verificamos que aquilo que ocorre em paralelo é que deixam de existir programas infantis porque não temos uma rádio especializada no público infantil”.

Mas será possível enquadrar um segmento de programação infantil numa rádio generalista? Rui Pêgo considera difícil porque “as crianças são bombardeadas a cada momento pelos conteúdos mais diversos que não são adequados para a idade deles, quer pela televisão, quer pelas novas plataformas. Este cenário resulta numa distorção daquilo que seriam as reais necessidades das crianças entre os 5 e os dez anos”, o público-alvo deste estudo.

Para trazer o público infantil para a rádio, e sem qualquer preocupação em cumprir a cláusula de serviço público que estabelece que a emissora de radiodifusão pública deve conter na sua grelha de programação um programa para os mais novos, a Antena 1 criou o *Portugal dos Pequeninos*. O objectivo do programa é “abrir brechas no autismo dos adultos e como tal chegar a todos os elementos do núcleo familiar, isto porque hoje em dia a rádio é uma acompanhante das tarefas diárias” (Rui Pego, 2010).

Uma das saídas, para a rádio, poderia ser a sua uma ligação à Internet, um meio que faz parte do universo das crianças que se encontram na faixa etária estudada neste trabalho. O Programa Escolinhas, com a distribuição de computadores Magalhães pelos alunos do 1º Ciclo, veio criar mais condições para que as crianças cresçam num ambiente em que a Internet faz parte do seu dia-a-dia. Nelson Ribeiro vê na Internet a única possibilidade da rádio conquistar os ouvintes. Rui (2010) encara este novo meio como um conjunto de novas oportunidades, com a Internet a ser vista como uma aliada da rádio, e não como concorrente: “a rádio tem este espírito marialva de se misturar com todos os meios”.

Apesar da concorrência da televisão e da ausência de um modelo convergente que transforme a Internet num aliado, a rádio ainda tem um espaço onde vence a concorrência. Nelson Ribeiro explica que as crianças ouvem rádio na mesma altura em que os pais e não em espaços de tempo diferentes. Rui Pêgo lembra que “o rádio do carro substituiu a sala de estar de antigamente antes de a televisão aparecer. A televisão desalojou o rádio da sala. A caixinha da música foi para segundo plano, para a cozinha, para a casa de banho, para os quartos, para fazer ambiente e, portanto, o único sítio de unidade que existe é o carro quando uma família leva as crianças à escola (...)”.

Nascem assim dois novos horários nobres na rádio: das 7 às 9h da manhã e das 18 às 20h. No caminho para o emprego/escola e no regresso a casa, a rádio é a companhia de milhões de portugueses. Se durante a manhã existe uma predisposição para conteúdos informativos, no final da tarde “as pessoas estão mais receptivas para ouvir conteúdos sem qualquer carácter informativo”. Rui Pêgo nota ainda que se “tiver um programa em que as crianças reflectem sobre a realidade dos adultos, mas com a intenção de desencadear um processo que chame os adultos a uma realidade que eles tendem a desprezar, a realidade das crianças, no sentido de perceber como é que os crianças olham para os mais adultos, se percebem a realidade e se acham interessante discutir os temas dos adultos. Os conteúdos são, portanto, temas dos adultos que pretendem mostrar o que as crianças percebem e sabem dizer sobre o tema. Esta possibilidade enunciada por Rui Pêgo deve ser ponderada se queremos conquistar as crianças que ouvem rádio hertziana.

Capítulo 6

Conclusão e Propostas

Ao longo de toda a investigação deparámo-nos com algumas limitações. A ausência de programas infantis nas grelhas actuais e a inexistência de arquivos digitais em todas as rádios nacionais impediu-nos de alargar a amostra, mas esta dificuldade gerou a oportunidade de analisar os programas existentes de uma forma mais aprofundada. Assumimos como limitação do estudo a apresentação de apenas duas entrevistas aos directores de programação das rádios nacionais, mas a TSF e a Rádio Clube Português, que inicialmente tínhamos considerado para análise, nunca responderam aos nossos pedidos. Estes dois obstáculos traduzem-se numa menor profundidade do trabalho apresentado, contudo este estudo deve ser entendido como o início de uma caminhada, numa área que ainda não tinha registado qualquer trabalho e que pode vir a ter, futuramente, uma continuidade.

6.1- Conclusão

A programação infantil já teve um peso muito significativo na rádio em Portugal. Os primeiros programas infantis surgiram em 1930, quase simultaneamente com o aparecimento das primeiras estações, o que revela a importância deste tipo de conteúdo numa grelha de programação deste meio.

De acordo com a revisão bibliográfica (Ribeiro, 2009; Santos, 2009), os primeiros programas infantis apresentava conteúdos variados, com diálogos interpretados por adultos e crianças, números de piano, leitura de correspondências que incentivavam as crianças a escrever e ainda concursos para criar frases. No entanto, e contrariando o que foi referido nessas investigações, a nossa análise conclui que os conteúdos eram pouco variados, resumindo-se a contos, quer através do género de história quer por meio do género de peça de teatro. A identificação desta estrutura tipo responde à primeira pergunta de investigação na qual se procurava conhecer a estrutura dos programas infantis.

Quanto aos seus conteúdos, os programas que apostaram no género teatral potenciavam o estímulo imaginativo, auxiliando a socialização. Por seu lado, os programas do género de história procuravam ajudar o desenvolvimento da oralidade, promovendo o gosto pela leitura e escrita. Estes programas ajudavam ainda as crianças a

desenvolver a criatividade, a comunicar, a viver em grupos, a descobrir-se e a descobrir os outros por meio da organização de experiências vividas nas histórias.

A segunda pergunta de investigação questionava o desaparecimento dos programas infantis das grelhas das rádios portuguesas, procurando uma explicação junto dos directores de programação. De acordo com Nelson Ribeiro, a razão que poderá estar na origem da aposta inicial na programação infantil é a mesma que justifica a sua ausência nas grelhas actuais: a situação socioeconómica do país. Nas primeiras décadas do meio, a família reunia-se para ouvir um determinado programa num horário específico porque não havia grandes alternativas à rádio. Com a alteração dos padrões de vida, os hábitos de consumo também se alteraram e hoje o consumo mediático passou a ser individual, quer na Internet quer nos vários televisões que existem em casa. Para além disso, actualmente a rádio é sobretudo ouvida nos horários de ida e regresso da escola/trabalho, ou então funciona como pano de fundo para outras actividades. Esta mudança da nossa relação com os *media* condicionou os *media* e, evidentemente, também a rádio, o que se repercutiu nas grelhas de programação, com a retirada da programação infantil.

Rui Pêgo destaca que a tradição da rádio programar para crianças foi abandonada sobretudo porque a televisão retirou protagonismo à rádio devido ao apelo da imagem. Como referem os entrevistados, a solução poderá passar pela convergência da rádio com a Internet, complementando os conteúdos áudio com vídeo e aproximando desta forma o modelo radiofónico do modelo televisivo.

Por outro lado, assume-se que as questões financeiras poderão estar na origem da ausência de programas infantis nas grelhas das rádios. Como referiu Rui Pêgo, “quando um programa não se enquadra nos diferentes públicos-alvo da publicidade não justifica o seu financiamento e portanto fica inviabilizado à partida”.

Em resumo, podemos dizer que o futuro da rádio passa por explorar o seu espírito “marialva”, combinando conteúdos multimédia característicos de outros meios de comunicação na Web. Na sua forma tradicional de emissão, as rádios devem procurar fortalecer a programação nos seus novos horários nobres: das 7 às 10h e das 18 às 20h, ida e o regresso do emprego/escola, a rádio não tem um concorrente directo e pode criar lançar nestes espaço rubricas que permitam o regresso do convívio de toda a família no seu percurso comum diário para a escola.

6.2 - Propostas

Num mundo multimédia onde a oferta cresce diariamente, a possibilidade da rádio captar a atenção das crianças apenas com som é cada vez mais diminuta. A solução poderá passar por uma convergência com a Internet, explorando as potencialidades deste meio. Complementar o som com imagem, quebrar a rigidez das grelhas ouvindo os programas preferidos a qualquer hora e em qualquer local, criar rádios pessoais, ter uma audiência global e ser mais interactiva são algumas das possibilidades desta convergência.

No caso particular da programação infantil, captar a atenção do público-alvo está dependente da ousadia e da criatividade na combinação dos conteúdos estudados neste trabalho: música, histórias, entrevistas, jogos, informação, conversa, chamadas, efeitos sonoros, drama e comédia.

A necessidade de estímulo para as crianças e a diversidade de conteúdos que são possíveis de criar com as novas plataformas possibilita criar um programa na versão hertziana da rádio, com música e uma agenda cultural para as crianças, assim como concursos que incentivam à participação dos ouvintes. Num segundo momento existe, então, a disponibilização na plataforma Web de actividades e jogos relativos ao mesmo programa, com o objectivo de complementar as duas plataformas. Com esta hipótese surge a possibilidade da emissão ficar disponível para *download* na plataforma digital e, desta forma, possível de ouvir a qualquer hora do dia, em qualquer dia da semana. A possibilidade de arquivar conteúdos e transmitir as mensagens não está, como identificou Uribe (2006), sujeita a um horário específico e fica sempre disponível para as crianças por meio do arquivo de programas.

Tendo em consideração que o sucesso de um programa de difusão hertziana depende do horário em que é transmitido, e que os programas infantis não cabem nos horários nobres devido à pressão dos anunciantes, a solução poderá passar por oferecer *podcasts*¹¹ do programa para que as crianças os possam ouvir nos seus computadores no horário mais conveniente para cada um. Esta possibilidade permite ultrapassar um dos maiores obstáculos ao consumo de rádio pelas crianças: o desfasamento entre os seus horários e os interesses comerciais das rádios.

¹¹ *Podcast* deve ser entendido como o processo que emerge a partir da publicação de arquivos de áudio, assim como imagens, *links* hipertextuais, na internet e que permite uma produção ao alcance global (Primo, 2005). O *podcast* pode estar disponível na internet ou via subscrição (por meio do recurso RSS: Real Simple Syndication).

Por outro lado, sendo impossível separar a formação educacional e cultural das crianças do seu relacionamento dos *media*, é importante que a rádio procure explorar esta realidade. Sem a menor pretensão de substituir o sistema escolar, a rádio deve ter como objectivo a complementaridade. Tome-se como exemplo o projecto governamental Escolinhas: considerando que todos os alunos têm hoje um computador pessoal, e que este deve ser usado em contexto de sala de aula, poderão ser pensados conteúdos educativos nos formatos *podcast ou videocast*, em concordância com o programa escolar, que permitam ser descarregados, ouvidos e trabalhados em sala de aula. Esta possibilidade pode complementar o processo educativo ao mesmo tempo que o torna mais dinâmico pela possibilidade de interacção os conteúdos e até com alunos de outras escolas. Este tipo de trabalho enquadra-se na proposta de Herreros (2001) que destaca como características básicas desta nova forma de fazer rádio a *interactividade e o multimédia*. O autor salienta que deverá ser efectuado um transporte de conteúdos de um meio de comunicação para outro sem, no entanto, perder as características originais do meio de origem, e a *inter-relação hipertextual e hipermedia*, que se traduz no cruzamento de dados, sons, escrita e infografias, características específicas de outros meios que permitem melhorar a qualidade da oferta que é disponibilizada ao ouvinte. Também Prata (2008) descreve a rádio na Web como a possibilidade da presença de elementos textuais, visuais e sonoros, que propicia o surgimento de novos géneros e novas formas de interacção com os ouvintes/utilizadores.

Bassets (1981) defende que vivendo nós num mundo em que pouco existe para ser inventado, as principais surpresas nascem dos novos usos que seremos capazes de dar a velhos meios. Convergindo com a Internet, a rádio poderá recuperar o papel central que teve no ecossistema mediático: para isso deverá começar a criar o público do futuro, apostando em conteúdos dirigidos às crianças.

Bibliografia

Araújo, M. J. (2008). *O jogo, a Internet e o mundo das crianças*. Comunicação apresentada no VI Congresso de Português de Sociologia. Universidade Nova de Lisboa, Lisboa. (Consultado na Internet a 2 de Fevereiro de 2010) [url] <http://www.fcsh.unl.pt/eukidsonline/docs/ComunicacaoMJA.pdf>

Araújo, V. & Lapa, G. (2009). *E-Generation 2008: Os usos de media pelas crianças e jovens em Portugal*. Obercom. (Consultado na Internet a 4 de Março de 2010) [url] <http://www.obercom.pt/client/?newsId=29&fileName=rr8.pdf>

Barros, A. (1994). Os meios de comunicação social nas sociedades modernas. In *A educação e os meios de comunicação social – Actas do seminário* (pp. 63-64) Lisboa: Conselho Nacional de Educação.

Brecht, B. (1927-1932). Teoria de la radio. In L. Bassets (1981). *De las ondas rojas a las radios libres – Textos para la teoria de la radio*. Barcelona, Gustavo Gili.

Brederode Santos, M. E. (S/D) Entrevista à RTP. In S. Pereira (1997) *Crianças e televisão: Uma relação de influências*. (Consultado na Internet a 3 de Novembro de 2009) [url] <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/4928/1/Crian%20e%20televis%20uma%20rela%20de%20influ%20ancias.pdf>

_____ (1991). *Aprender com a televisão. O segredo da Rua Sésamo*. In C. Ponte (1998) *Televisão para crianças: o direito à diferença*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.

Borges, G. (S/D). *Programação infanto-juvenil de qualidade: o caso da RTP2 de Portugal*. Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. (Consultado na Internet a 20 de Abril de 2010) [url] <http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/124/123>

Borsa, J. C. (2007). *O Papel da escola no processo de socialização infantil*. (Consultado na Internet a 26 de Outubro de 2009) [url] <http://www.psicologia.com.pt/artigos/textos/A0351.pdf>

Cádima, F. R. (1996). *Salazar, Caetano e a Televisão Portuguesa*. Lisboa: Presença.

Carvalho, D. (1994). Os meios de comunicação social nas sociedades modernas. In *A educação e os meios de comunicação social – Actas do seminário* (pp. 27-40). Lisboa: Conselho Nacional de Educação.

Carreras, LL., Eijo, P., Estany, A., Gómez, M^a. T., Guich, R., Mil, V., Ojeda, F., Planos, T., Serrats, M^o G. (2002). *Como educar en valores: Materiales, textos, recursos y tecnicas*. Madrid: Narcea.

Carrilho, S. M. (2008). *A Criança e a televisão – Contributos para o estudo da recepção*. Lisboa: Books on Demand.

Castells, M. (2003). *A Galáxia da Internet – Reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahur Editor.

Charvat, J. L. (2009). *The impact of media violence on children and adolescents*. National Association of School Psychologists. (Consultado na Internet a 2 de Janeiro de 2010) [url] <http://www.nasponline.org/advocacy/Media%20Violence%20Research.pdf>

Cordeiro, P. (2004). *A Rádio em Portugal: um pouco de história e perspectivas de evolução*. Universidade do Algarve. (Consultado na Internet a 10 de Outubro de 2009) [url] <http://www.bocc.ubi.pt/pag/cordeiro-paula-radio-portugal.pdf>

Cristo, D. (2005). *A rádio em Portugal e o declínio do regime de Salazar e Caetano: 1958-1974*. Coimbra: Minerva.

Faus Belau, A. (1981). *La radio. Introducción a un medio desconocido*. Madrid: Latina Universitária.

Ferrés, J. (1996). *Televisão e educação*. Porto Alegre: Artes Medicas.

Fidalgo, A. (1998). *A comunicação endereçada – O endereçamento da comunicação de massas*. Universidade da Beira Interior. (Consultado na Internet a 10 de Junho de 2010) [url] <http://www.bocc.ubi.pt/pag/fidalgo-antonio-comunicacao-enderecada.pdf> de Junho de 2010).

Gallardo, JJ. (1997). La radio. In C. Ferreira (2008). *Programação nas Rádios Locais*. Tese de mestrado não publicada. Universidade da Beira Interior. Covilhã, Porugal.

Giddens, A. (1996). *As consequências da modernidade*. (Fernando Luís Machado, Maria Manuela Rocha, Trad.). Oeiras: Celta.

Gonçalves, A. S. (2009). *Anuário da Comunicação 2007-2008*. Obercom. (Consultado na Internet a 20 de Dezembro de 2009) [url] http://www.obercom.pt/client/?newsId=28&fileName=anuario_08_09.pdf

Gonçalves, A. S. & Tabora, M. J. (2010). *Anuário da Comunicação 2008-2009*. Obercom. (Cosnultado na Internet a 2 de Junho de 2010) [url] http://www.obercom.pt/client/?newsId=28&fileName=anuario_08_09.pdf

Herreros, M. C. (2001). *La radio en la convergencia multimedia*. Barcelona: Gedisa Editorial.

Huston, A. C., Bickham, D. S., Lee, J. H., & Wright, J. C. (2007). *From attention to comprehension: how children watch and learn from television*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates Publishers.

Junior, J. B. B. & Coutinho, C. P. (2008). *Rádio e Tv na web: vantagens pedagógicas e dinâmicas na utilização em contexto educativo*. (Consultado na Internet a 12 de Março

de 2010) [url]
<http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/7964/1/Radio%20e%20TV.pdf>

Kaplún, M. (2008). A natureza do meio: limitações e possibilidades do rádio. (Valci Zuculoto, Trad.). In Meditsch, E. & Zuculoto, V. (2008). *Teoria do rádio – textos e contextos* (pp. 81-90). Florianópolis: Insular, Vo. II.

Kischinhevsky, M (2009). *Cultura da portabilidade – novos usos do rádio e sociabilidades em mídia sonora* (pp. 223-238). Observatório Journal, 8. (Consultado na Internet a 30 de Janeiro de 2010) [url]
(<http://www.obercom.pt/ojs/index.php/obs/article/view/271/241>)

Mander, J. (1999). Primeiro argumento: a mediatização da experiência – A Limitação da consciência. In J. Mander *Quatro argumentos para acabar com a televisão* (Carla Oliveira e Sofia Vieira, Trad.). Lisboa: Edições Antígona.

Meditsch, E. (1997). *A nora era do rádio: o discurso do radiojornalismo enquanto produto intelectual eletrônico*. Universidade Federal de Santa Catarina. (Consultado na Internet a 15 de Maio de 2010) [url]
<http://bocc.ubi.pt/pag/meditsch-eduardo-discurso-radiojornalismo.html>

Meditsch & Ribeiro (2008). *O futuro no passado: o rádio e a TV digitais na contramão da webmergência*. (Consultado na Internet a 10 de Junho de 2010) [url]
<http://www.bocc.uff.br/pag/meditsch-eduardo-futuro-no-passado.pdf>

Meneses, J. P. (2003). *Tudo o que se passa na TSF... Para um “livro de estilo”*. Porto: Edição Jornal de Notícias.

Merton e Lazarsfeld (2000). Comunicação de massa, gosto popular e a organização da acção social. In R. Lopes (S/D). *O poder dos media na sociedade contemporânea*. Universidade da Beira Interior. (Consultado na Internet a 10 de Junho de 2010) [url]
<http://www.labcom.ubi.pt/agoranet/04/lopes-rita-media-e-poder.pdf>

Mesquita, M. (2004). *O quarto equívoco – O poder dos media na sociedade contemporânea*. Coimbra: MinervaCoimbra.

Monteiro, D. J. (2008). *O serviço público de radiodifusão – o caso da Antena 3*. Seminário de Investigação. Instituto Superior de Ciências Sociais Políticas da Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa Portugal.

Nascimento, J. R. (2000). *Satisfação do consumidor: o caso da televisão por cabo em Portugal*. Cascais: Principia.

Nissen, A. (2006). *Public service media in the information society*. Consultado na Internet a 15 de Março de 2010) [url]
[http://www.coe.int/t/dghl/standardsetting/media/doc/H-Inf\(2006\)003_en.pdf](http://www.coe.int/t/dghl/standardsetting/media/doc/H-Inf(2006)003_en.pdf)

Ortiz, M. A.; Marchamalo, J. (1997). *Técnicas de comunicación en Radio – La realización radiofónica*. Barcelona, Paidós Papeles de Comunicación.

Ortriwano, G. S. (1998). *Ok marcianos! Vocês venceram!* (Consultado na Internet a 4 de Junho de 2010) [url] <http://www.bocc.uff.br/pag/ortriwano-gisela-marcianos.pdf>

_____ (2008). De Brecht aos (des)caminhos do radiojornalismo. In E. Meditsh & V. Zuculoto (2008). *Teoria do rádio – textos e contextos* (pp. 57-68). Florianópolis: Insular, Vo. II.

Pereira, S. (2007). *Por detrás do ecrã: televisão para crianças em Portugal*. Porto: Porto Editora.

Perse, E. M. (2001). *Media effects and society*. Mahwan: Laurence Erlbaum Associates.

Piaget, J. (1977). *Linguagem e o pensamento da criança*. Lisboa: Moraes.

Pinto, M. (1994). A educação e o papel da televisão. In *A educação e os meios de comunicação social – Actas do seminário* (pp. 234-240). Lisboa: Conselho Nacional de Educação.

_____ (2002). *Práticas educativas numa sociedade global*. Porto: Edições Asa.

Ponte, C. (1998). *Televisão para crianças: o direito à diferença*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.

Portela, J. E. (2006). *Rádio na Internet em Portugal: a abertura à participação num meio em mudança*. Tese de mestrado não publicada, Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho, Braga, Portugal.

Prata, N. (2008). *Webradio: novos géneros, novas formas de interação*. Tese de doutoramento apresentada à faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil.

Prensky, M. (2001). *Digital natives, digital immigrants*. MCB University Press, Vol. 9, No. 5. (Consultado na Internet a 20 de Abril de 2010) [url] <http://www.marcprensky.com/writing/Prensky%20-%20Digital%20Natives,%20Digital%20Immigrants%20-%20Part1.pdf>

Primo, A. F. T. (2005). *Para além da emissão sonora: as interações no podcasting*. (Consultado na Internet a 25 de Maio de 2010) [url] <http://www6.ufrgs.br/limc/PDFs/podcasting.pdf>

Quivy, R. & Campenhoudt, L. V. (1998). *Manual de investigação em ciências sociais* (João Minhoto Marques, Maria Amália Mendes e Maria Carvalho, Trad.). Lisboa: Gradiva.

Ribeiro, N. (2005). *A Emissora Nacional nos primeiros anos do Estado Novo: 1933-1945*. Lisboa: Quimera.

Santos, R. (2005). *As vozes da rádio, 1924-1939*. Lisboa: Caminho.

Silva, J. G. (2005). O rádio em datas em Portugal. In *História da rádio em Portugal*. (Consultado na Internet a 22 de Outubro de 2009) [url] <http://telefonica.no.sapo.pt/datesportugal.htm>

_____ (2005a). Da telegrafia sem fios à radiodifusão. In *História da rádio em Portugal*. (Consultado na Internet a 22 de Outubro de 2009) [url] <http://telefonica.no.sapo.pt/born.htm>

_____ (2005b) As rádios piratas em Portugal. In *História da rádio em Portugal*. (Consultado na Internet a 22 de Outubro de 2009) [url] <http://telefonica.no.sapo.pt/pirata.htm>

Tavares, J., Pereira, A. S., Gomes, A. A., Monteiro, S., Gomes, A. (2007). *Manual de psicologia do desenvolvimento e aprendizagem*. Porto: Porto Editora.

Tavares, S. I. B. (2008). *A programação infantil para crianças na televisão por cabo em Portugal – Estudo da oferta dos canais temáticos infantis em 2005*. Tese de mestrado não publicada, Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho, Braga, Portugal.

Teves, V. H. (S/D). *RTP. 50 anos de história*. (Consultado na Internet a 5 de Fevereiro de 2010), [url] <http://ww2.rtp.pt/50anos/50Anos/Livro/>

Tomé, A. (1994) Os meios de comunicação social nas sociedades modernas. In *A educação e os meios de comunicação social – Actas do seminário* (p. 71) Lisboa: Conselho Nacional de Educação.

Trindade, A. R. (1994). A Educação e o papel da televisão. In *A educação e os meios de comunicação social – Actas do seminário* (1994). (pp. 229-234). Lisboa: Conselho Nacional de Educação.

Uribe, E. V. (2006). *O rádio digital e o rádio em Internet: além das transformações tecnológicas*. UNIrevista – Vol 1, nº3. (Consultado na Internet a 25 de Outubro de 2009) [url] <http://www2.eptic.com.br/sgw/data/bib/periodicos/f0d9405ab2a47cc0c4e42cecf4bc13be.pdf>

Zuculoto, V. (2005). Debatendo com Brecht a sua Teoria da Rádio. In E. Meditsch & V. Zuculoto, *Teorias do Rádio – Textos e Contextos*. Florianópolis: Insular.

ANEXOS

Anexo 1 – Tabela Geral: Emissão Infantil

ESTRUTURA DO PROGRAMA	SIM (participa)	NÃO (ausente)
- Genérico (específico para o programa)		X
- Separadores	X	
- Apresentação do programa	X	
- Participação de pessoas famosas		X
- Incentivo à participação dos ouvintes		X
CONTEÚDO		
- Matemática		X
- Estudo do Meio		X
- Língua Portuguesa		X
- Línguas		X
- Alimentação		X
- Desporto		X
- Higiene		X
- Relacionamento	X	
- Música	X	

- Valores	X	
1- Responsabilidade	X	
2- Sinceridade	X	
3- Confiança	X	
4- Criatividade	X	
5- Amizade	X	
6- Respeito	X	
7- Justiça		X
8- Cooperação	X	
9- Partilha	X	
RITMO DO PROGRAMA		
- Lento		X
- Normal	X	
- Rápido		X
GÉNERO (desenrolar do programa)		
- Recreativo ou de entretenimento		X
- Histórias	X	
- Musical		X
- Informação		X
- Magazine Animado		X
- Programas de Teatro		X
EQUIPA		
- Jornalista/Locutor	X	
- Professor		X
- Crianças	X	

- Pais		X
- Educadores de Infância		X
- Psicólogos		X
- Actores		X

Anexo 2 – Tabela Geral: Ensaio Geral

ESTRUTURA DO PROGRAMA	SIM (participa)	NÃO (ausente)
- Genérico (específico para o programa)	X	
- Separadores		X
- Apresentação do programa	X	
- Participação de pessoas famosas	X	
- Incentivo à participação dos ouvintes		X
CONTEÚDO		
- Matemática		X
- Estudo do Meio		X
- Língua Portuguesa		X
- Línguas		X
- Alimentação		X
- Desporto		X
- Higiene		X
- Relacionamento	X	
- Música		X

- Valores	X	
1- Responsabilidade	X	
2- Sinceridade		X
3- Confiança	X	
4- Criatividade	X	
5- Amizade	X	
6- Respeito	X	
7- Justiça		X
8- Cooperação	X	
9- Partilha	X	
RITMO DO PROGRAMA		
- Lento		X
- Normal	X	
- Rápido		X
GÉNERO (desenrolar do programa)		
- Recreativo ou de entretenimento		X
- Histórias	X	
- Musical		X
- Informação		X
- Magazine Animado		X
- Programas de Teatro	X	
EQUIPA		
- Jornalista/Locutor	X	
- Professor		X
- Crianças		X

- Pais		X
- Educadores de Infância		X
- Psicólogos		X
- Actores	X	

Anexo 3 – Tabela Geral: Meia Hora de Recreio

ESTRUTURA DO PROGRAMA	SIM (participa)	NÃO (ausente)
- Genérico (específico para o programa)	X	
- Separadores	X	
- Apresentação do programa	X	
- Participação de pessoas famosas		X
- Incentivo à participação dos ouvintes		X
CONTEÚDO		
- Matemática		X
- Estudo do Meio		X
- Língua Portuguesa		X
- Línguas		X
- Alimentação		X
- Desporto		X
- Higiene		X
- Relacionamento	X	
- Música		X

- Valores	X	
1- Responsabilidade	X	
2- Sinceridade	X	
3- Confiança	X	
4- Criatividade	X	
5- Amizade	X	
6- Respeito	X	
7- Justiça		X
8- Cooperação	X	
9- Partilha	X	
RITMO DO PROGRAMA		
- Lento		X
- Normal	X	
- Rápido		X
GÉNERO (desenrolar do programa)		
- Recreativo ou de Entretenimento		X
- Histórias	X	
- Musical		X
- Informação		X
- Magazine Animado		X
- Programa de Teatro		X
EQUIPA		
- Jornalista/Locutor	X	
- Professor		X
- Crianças		X

- Pais		X
- Educadores de Infância		X
- Psicólogos		X
- Actores		X

Anexo 4 – Tabela Geral: Tempo de Teatro

ESTRUTURA DO PROGRAMA	SIM (participa)	NÃO (ausente)
- Genérico (específico para o programa)	X	
- Separadores	X	
- Apresentação do programa		X
- Participação de pessoas famosas		X
- Incentivo à participação dos ouvintes	X	
CONTEÚDO		
- Matemática		X
- Estudo do Meio		X
- Língua Portuguesa		X
- Línguas		X
- Alimentação		X
- Desporto		X
- Higiene		X
- Relacionamento	X	
- Música		X

- Valores	X	
1- Responsabilidade	X	
2- Sinceridade	X	
3- Confiança	X	
4- Criatividade	X	
5- Amizade	X	
6- Respeito	X	
7- Justiça	X	
8- Cooperação	X	
9-Partilha	X	
RITMO DO PROGRAMA		
- Lento		X
- Normal	X	
- Rápido		X
GÉNERO (desenrolar do programa)		
- Recreativo ou de Entretenimento		X
- Histórias	X	
- Musical		X
- Informação		X
- Magazine Animado		X
- Programa de Teatro	X	
EQUIPA		
- Jornalista/Locutor	X	
- Professor		X
- Crianças	X	

- Pais		X
- Educadores de Infância		X
- Psicólogos		X
- Actores	X	

Anexo 5 – Entrevista



Universidade da Beira Interior
Departamento de Comunicação e Artes
Mestrado em Jornalismo: Imprensa, Rádio e Televisão

A presente entrevista tem como objectivo recolher informação sobre as **razões que justificam a ausência de programação infantil na rádio para as crianças em Portugal** no âmbito da dissertação de mestrado.

1. Qual a razão, ou razões, que sustentam a ausência de programas infantis para uma faixa etária mais nova?
2. Qual é o principal entrave à programação infantil? A publicidade? Assente na lógica de que o público, cada vez mais segmentado, não tem o poder de compra logo não se justifica o espaço infantil?
3. Em rádios internacionais, como a Rádio Disney, Rádio Kids, Fun Kids e Kids Public Radio, encontramos uma prolongação da emissão análogica para o mundo digital. Na plataforma digital é disponibilizada uma página web com separadores onde disponibilizam música, jogos, chats, família, histórias. No sitio do Rádio Clube Português não encontramos a disponibilidade de tais conteúdos. Não seria uma forma de chamar a atenção dos ouvintes mais pequenos para a rádio?
4. Não será possível criar um espaço de uma hora ou meia hora onde se apresentem conteúdos como a alimentação, cidadania, cultura, meio ambiente, saúde, tecnologia abordados de forma a estimularem a atenção das crianças? Complementado à *posteriori* por jogos e actividades numa plataforma digital?
5. Considerando que cada vez mais as crianças, desde a mais tenra idade, têm acesso às mais variadas tecnologias nunca foi pensada uma emissão, conteúdos para disponibilizar em versão podcast?
6. Até que ponto a ausência de programação destinada aos mais pequenos, crianças entre os 5 e os 10 anos, contribui para que as gerações mais novas percam o hábito de ouvir rádio?
7. Porque razão há tantos programas infantis na televisão e nenhum na rádio?

Questões colocadas ao serviço público de radiodifusão:

1. As rádios de Serviço Público estão obrigadas, pelo contrato de concessão, a incluir na grelha alguma programação infantil. O que tem sido feito nesse sentido?

Portugal dos Pequeninos

- . Qual o objectivo do programa que actualmente está no ar?
 - . Quais os conteúdos que pretendem transmitir?
2. Quais as razões que explicam o corte com as emissões infantis, uma vez que, desde as primeiras emissões que a Antena1, à época RDP, se preocupou e difundiu programas infantis.
 3. A RDP - por via da sua ligação à RTP - tem melhores condições para a produção de programas infantis?

Muito obrigada pela sua disponibilidade

Anexo 6 – Entrevista: Rui Pêgo (Antena 1)



Universidade da Beira Interior
Departamento de Comunicação e Artes
Mestrado em Jornalismo: Imprensa, Rádio e Televisão

A presente entrevista tem como objectivo recolher informação sobre as **razões que justificam a ausência de programação infantil na rádio para as crianças em Portugal** no âmbito da dissertação de mestrado.

1. Qual a razão, ou razões, que sustentam a ausência de programas infantis para uma faixa etária mais nova?

O que justifica são os tempos. No meu ponto de vista, é um dado adquirido que a rádio faz parte da vida das pessoas que incorporaram a rádio seu no dia-a-dia mas também das pessoas que têm vontade própria. Com o desenvolvimento das fontes de informação, dos sítios onde posso ir buscar informação e sobretudo com a prevalência da imagem deixou de fazer sentido para a rádio ter programas infantis para as crianças. O que passou a acontecer foi que a televisão, que veio a ocupar muito do espaço e da programação tradicional da rádio, começou a conquistar esses públicos com a imagem, isto é, desde há muito tempo que existe na televisão desenhos animados para as crianças. No confronto entre som e imagem admito, até porque a realidade me obriga a admitir isso mesmo, que as crianças preferem a imagem ao som. Se bem que eu defenda que ninguém resiste a uma boa história, nem uma criança e se eu contar uma boa história tenho audiência. Acresce à televisão as multiplataformas hoje, isto é, desde muito cedo as crianças hoje têm e estão habilitados para mexer no computador, vão ver o que querem na Internet.

2. Qual é o principal entrave à programação infantil? A publicidade? Assente na lógica de que o público, cada vez mais segmentado, não tem o poder de compra logo não se justifica o espaço infantil?

A rádio afunilou-se pela necessidade do mercado, isto é, se eu só vendo publicidade entre os 15 e os 35 anos, por exemplo, todas as rádios tendem a criar programas para

estas faixas etárias e nomeadamente as rádios musicais tocam a mesma música. Ao sair do território do público-alvo da publicidade o que existe são franjas para quem não justifica programar.

- 3. Em rádios internacionais, como a Rádio Disney, Rádio Kids, Fun Kids e Kids Public Radio, encontramos uma prolongação da emissão análoga para o mundo digital. Na plataforma digital é disponibilizada uma página web com separadores onde disponibilizam música, jogos, chats, família, histórias. No sitio do Rádio Clube Português não encontramos a disponibilidade de tais conteúdos. Não seria uma forma de chamar a atenção dos ouvintes mais pequenos para a rádio?**

A ausência desta forma de fazer rádio é uma forma de afastar as crianças da rádio, mas o que não podemos perder de vista são os hábitos de consumo. Hoje a rádio já não se ouve no rádio, mas sim no carro, no computador, no mp3. A nova vida da rádio é um fluxo permanente entre o FM e a plataforma web, é um fluxo de conteúdos permanentes de um lado para o outro, de uma plataforma para a outra, e não mais como antigamente em que se fazia no FM e só *à posteriori* era colocado na Internet. Admito que se possa construir um programa já multiplataforma, já não só um programa de rádio no FM que tenha desenvolvimentos diferentes ou formatações diferentes tanto para o web como para o FM mas sempre na perspectiva que os conceitos básicos da rádio de convergência que são os conceitos essenciais de um programa desse tipo, não mais um programa tradicional.

- 4. Não será possível criar um espaço de uma hora ou meia hora onde se apresentem conteúdos como a alimentação, cidadania, cultura, meio ambiente, saúde, tecnologia abordados de forma a estimularem a atenção das crianças? Complementado *à posteriori* por jogos e actividades numa plataforma digital?**

O que existe hoje em termos de meios tradicionais é uma programação linear que é um rio. No caso específico da rádio o que acontece é que a programação passa e o ouvinte ou ouvia naquele momento ou não tinha a oportunidade de ouvir novamente. Esta era a realidade dos meios tradicionais. A realidade que está a transformar actualmente os meios tradicionais é que existe um lago onde estão todos os conteúdos e mais alguns e que podem ser pescados a qualquer hora do dia, em qualquer dia da semana. Inevitavelmente é muito mais confortável para os ouvintes, agora também denominados de utilizadores, irem pescar ao lago do que estarem ali sentados apenas para ouvir rádio. A realidade do tipo linear vai morrer muito em breve, mantendo-se apenas pelo motivo

de que existe sempre o tradicional ouvinte, ou se quisermos assim dizer existem os apaixonados da rádio, que têm a necessidade de ter uma programação organizada, é mais fácil apenas ligar um botão e ter ali o mundo. A questão que se coloca é a relevância dos conteúdos e de uma informação linear. Cada vez mais a informação é o lago onde os ouvintes vão buscar a informação.

5. Considerando que cada vez mais as crianças, desde a mais tenra idade, têm acesso às mais variadas tecnologias nunca foi pensada uma emissão, conteúdos para disponibilizar em versão podcast?

Há novas oportunidades que se abrem sobretudo por causa da multiplataforma, isto é, com a Internet como aliada da rádio e não como concorrente surgem um leque de oportunidades. Admito que haja aqui uma nova oportunidade que é a Internet porque a rádio tem essa marialva de se misturar com todos os meios

Eu acho que existe uma nova oportunidade que nos é dada não pela rádio em si mas pela multiplataforma. Acho muito difícil hoje em dia ser possível captar a atenção das crianças só pelo som quando eles têm outros meios à disposição. Se eles não tiverem mais nada à disposição admito que se possa tornar num meio interessante, mas somente nessa possibilidade, porque entre uma televisão e a rádio, entre a Internet e a rádio as crianças preferem sempre o outro meio que está a disposição em vez da rádio. A única maneira de a rádio voltar a ter programação infantil, na minha opinião, é fazê-la através da plataforma web.

6. Até que ponto a ausência de programação destinada aos mais pequenos, crianças entre os 5 e os 10 anos, contribui para que as gerações mais novas percam o hábito de ouvir rádio?

Contribui no sentido de que a não programação infantil leva à não criação de habituação na escuta da rádio. Ouvem aquilo que os pais ouvem, nos momentos em que estes ouvem.

7. Porque razão há tantos programas infantis na televisão e nenhum na rádio?

Hoje é muito difícil programar em rádio. As plataformas digitais podem vir ajudar a trazer o público infantil para a rádio embora actualmente seja muito difícil programar para crianças na rádio, na televisão a situação altera-se e revela-se uma situação mais

fácil. A situação de programação infantil revela-se difícil por causa dos gostos mas sobretudo por causa da tremenda exposição a que as crianças estão sujeitas, bombardeadas a cada momento pelos conteúdos mais diversos, quer pela televisão, quer pelas novas plataformas. Estas são bombardeadas a cada momento por música e conteúdos que não são para a idade deles e portanto há uma distorção daquilo que seriam as necessidades das crianças entre os cinco e os dez anos. A ausência de um estudo que se centre neste tema e que estude as possibilidades não permite programar para crianças, pois não conhecemos a realidade. Não existe actualmente porque não é uma emissora fácil de construir e para o fazer de uma forma séria é necessário fazer com gente que sabe o que está a fazer e não por fazer só por fazer. Desde os conteúdos que são difíceis de escolher e quando seleccionados difíceis de tornar em conteúdos interessantes até a selecção musical, uma vez que, hoje em dia é difícil saber quais as músicas que vão querer ouvir, quais as músicas que gostam. Nos anos em que existiram programas infantis com maior periodicidade estes entraves não se registavam. As crianças queriam ouvir histórias e as músicas para as crianças eram “patetas” mas ficavam no ouvido e isso era o que interessava para quem produzia programação infantil. Esta alteração de hábitos pode justificar-se pela ausência de conteúdos interessantes dentro das próprias músicas. Os únicos trabalhos que estão a ser pensados e produzidos para crianças nos dias de hoje são o do Avô Cantigas, António Velar Pinco, e Carlos Alberto Vidal com conteúdos sérios e mensagens próprias para eles e bons textos.

Questões colocadas ao serviço público de radiodifusão:

1. As rádios de Serviço Público estão obrigadas, pelo contrato de concessão, a incluir na grelha alguma programação infantil. O que tem sido feito nesse sentido?

Nós estamos actualmente a fazer uma coisa que se chama *Portugal dos Pequeninos* que é um programa claramente dirigido para os mais pequenos.

1.1- Portugal dos Pequeninos - Qual o objectivo e conteúdos do programa que actualmente está no ar?

O objectivo do programa é conseguir tocar o núcleo familiar. Hoje em dia, o rádio do carro substituiu a sala de estar de antigamente, antes de a televisão aparecer. A televisão

desalojou o rádio da sala, a caixinha da música foi para segundo plano, para a cozinha, para a casa de banho, para os quartos, para fazer ambiente, e portanto o sítio de unidade que existe é o carro quando uma família leva as crianças à escola. Essa é uma questão que tem suscitado uma reflexão interna nossa: é necessário ter cuidado com os conteúdos que posso por ali porque posso por um lado chocar as crianças porque os pais estão a ouvir a Antena 1 ou 3, por hipótese, e podem existir conteúdos um tanto mais pesados que os miúdos ouvem e que não podem ser muito pedagógicos. Neste sentido se eu tiver, e é o caso do programa *Portugal dos Pequeninos*, se eu tiver um momento em que as crianças reflectem sobre a realidade dos adultos mas é a intenção de desencadear um processo que chame os adultos a uma realidade que eles tendem a desprezar, a realidade das crianças. Queremos dizer como é que as crianças olham para nós, adultos, percebem a realidade e se acham interessante discutir os temas dos adultos. A ideia do programa é essa, tentar no fundo abrir brechas no autismo adulto em relação às crianças.

O programa foi pensado para espaço horário da tarde porque é um momento diferente, as pessoas vão de regresso a casa e já ouviram o que supostamente pretendiam e, portanto, vão mais descontraídos e estão mais disponíveis para ouvir conteúdos sem ser só informação.

2. Quais as razões que explicam o corte com as emissões infantis, uma vez que, desde as primeiras emissões que a Antena1, à época RDP, se preocupou e difundiu programas infantis.

(Apresentamos a mesma resposta por ter sido a dada pelo entrevistado)

O que justifica são os tempos. No meu ponto de vista, é um dado adquirido que a rádio faz parte da vida das pessoas que incorporaram a rádio seu no dia-a-dia mas também das pessoas que têm vontade própria. Com o desenvolvimento das fontes de informação, dos sítios onde posso ir buscar informação e sobretudo com a prevalência da imagem deixou de fazer sentido para a rádio ter programas infantis para as crianças. O que passou a acontecer foi que a televisão, que veio a ocupar muito do espaço e da programação tradicional da rádio, começou a conquistar esses públicos com a imagem, isto é, desde há muito tempo que existe na televisão desenhos animados para as crianças. No confronto entre som e imagem admito, até porque a realidade me obriga a admitir isso mesmo, que as crianças preferem a imagem do que o som. Se bem que eu defenda que ninguém resiste a uma boa história, nem uma criança e se eu contar uma

boa história tenho audiência. Acresce à televisão as multiplataformas hoje, isto é, desde muito cedo as crianças hoje têm e estão habilitados para mexer no computador, vão ver o que querem na Internet.

3. A RDP - por via da sua ligação à RTP - tem melhores condições para a produção de programas infantis?

O problema que se coloca à rádio é que a *vision radio* não existe ainda. Digamos que eu posso pensar num conteúdo, e esse é o caminho que nós estamos a fazer que é assente no pressuposto de que a minha lógica não está mais assente numa lógica de difusão mas sim numa lógica de produção, isto quer dizer que a organização vertical tem de se horizontalizar, transversalizar para que os programadores, os produtores de conteúdos possam fazer uma coisa essencial que é em cada momento definir o que é que um conteúdo vale e como é que ele pode ser formatado para as diversas plataformas. Se não existir imagem não existe televisão. Os programas infantis televisivos, o *day time* na televisão não é mais do que a rádio dos anos 60, a rádio que conversava que abordava assuntos, casos de vida, ou seja a rádio companhia.

A rádio tem feito um esforço para se adaptar aos novos tempos, é um esforço mais discreto quando comparado com aquele que foi feito pela televisão, não tem uma estratégia de meio como tem a televisão, mas no caso da televisão decorre da sua capacidade e da sua potência, da sua capacidade de penetração e de influenciar. A rádio tem feito uma série de tentativas para se adaptar às novas realidades e de resto a componente de criatividade da rádio é muito maior do que na televisão, a rádio depende da voz e portanto tem de ser criativa.

Muito obrigada pela sua disponibilidade

Anexo 7 – Entrevista: Nelson Ribeiro (Rádio Renascença)



Universidade da Beira Interior
Departamento de Comunicação e Artes
Mestrado em Jornalismo: Imprensa, Rádio e Televisão

A presente entrevista tem como objectivo recolher informação sobre as **razões que justificam a ausência de programação infantil na rádio para as crianças em Portugal** no âmbito da dissertação de mestrado.

1. Qual a razão, ou razões, que sustentam a ausência de programas infantis para uma faixa etária mais nova?

Penso que a grande diferença que existe entre a rádio que temos hoje e a rádio de outros tempos se prende que as alterações que foram produzidas nas grelhas de programação assentes na ideia de que o público está cada vez mais segmentado. O que acontece é que as rádios se especializaram em públicos específicos e quando isso acontece nós verificamos que aquilo que ocorre, em paralelo, é que deixam de existir programas infantis porque não temos uma rádio especializada no público infantil.

2. Qual é o principal entrave à programação infantil? A publicidade? Assente na lógica de que o público, cada vez mais segmentado, não tem o poder de compra logo não se justifica o espaço infantil?

Para uma estação privada um projecto infantil tem uma grande limitação por não ter sustentabilidade financeira nem patrocinadores para o projecto mas, também, porque não existe uma procura por parte das crianças.

3. Em rádios internacionais, como a Rádio Disney, Rádio Kids, Fun Kids e Kids Public Radio, encontramos uma prolongação da emissão análoga para o mundo digital. Na plataforma digital é disponibilizada uma página web com separadores onde disponibilizam música, jogos, chats, família, histórias. No sítio do Rádio Clube Português não encontramos a disponibilidade de tais conteúdos. Não seria uma forma de chamar a atenção dos ouvintes mais pequenos para a rádio?

Não existem muitas a nível mundial, o que existem são alguns casos bem sucedidos nos Estados Unidos, o caso da Rádio Disney. Nós também sabemos que as crianças, até uma certa idade, o que as atrai muito são os estímulos visuais e a atracção pela televisão. A atracção pelo auditivo é sobretudo na adolescência daí que existam programas para este público.

4. Não será possível criar um espaço de uma hora ou meia hora onde se apresentem conteúdos como a alimentação, cidadania, cultura, meio ambiente, saúde, tecnologia abordados de forma a estimularem a atenção das crianças? Complementado à posteriori por jogos e actividades numa plataforma digital?

A forma como as pessoas ouvem rádio é completamente diferente de à 20, 30 anos atrás. As pessoas ouvem rádio por uma questão de comodidade, enquanto realizam outras tarefas. Ninguém liga a rádio de propósito para ouvir um determinado programa, já não existe um consumo massivo. Ninguém altera os seus hábitos por um programa de rádio, não se justifica criar um programa aquela hora, para aquele público porque ele não vai ouvir. Os hábitos de consumo são diferentes e portanto justificaria a escolha do online para desenvolver o projecto, mas não numa rádio como a nossa que tem como público-alvo as faixas etárias entre os 35 e os 55 anos.

5. Considerando que cada vez mais as crianças, desde a mais tenra idade, têm acesso às mais variadas tecnologias nunca foi pensada uma emissão, conteúdos para disponibilizar em versão podcast?

A programação infantil teve um peso muito significativo na rádio em Portugal, desde que apareceram as primeiras estações todas elas tiveram programas infantis de sucesso, porque estávamos num período da rádio que não temos actualmente. Os programas eram preenchidos por diálogos interpretados por adultos e crianças, números de piano, leitura de correspondências que incentivavam as crianças a escrever, concursos para criar frases. Hoje em dia esta situação não se verifica e mais uma vez refiro que não se pensou numa emissão infantil por não fazer parte dos objectivos da estação.

6. Até que ponto a ausência de programação destinada aos mais pequenos, crianças entre os 5 e os 10 anos, contribui para que as gerações mais novas percam o hábito de ouvir rádio?

As crianças ouvem rádio por uma questão de habituação com os pais, ouvem na mesma altura em que os pais ouvem e não em espaços de tempo diferentes. Só na adolescência é que procuram novamente a rádio por si e portanto não justifica na rádio privada a criação de um momento específico para o público infantil.

7. Porque razão há tantos programas infantis na televisão e nenhum na rádio?

A Rádio Renascença foi a rádio que manteve um programa infantil até aos anos 90, que terá começado no final dos anos 80 e terminado por volta de 98/99 chamado a *Rádio da Malta* semanal ao sábado à hora de almoço entre as 13h e as 15h, e tinha a encenação de alguns textos, passatempos e uma mascote do programa que aparecia e falava e inclusivamente chegou mesmo a ter algumas emissões ao vivo as quais as crianças podiam assistir. Não existe nenhum programa na rádio, ao contrário da televisão, devido à segmentação do mercado e devido à ausência de publicidade que o sustente.

Muito obrigada pela sua disponibilidade